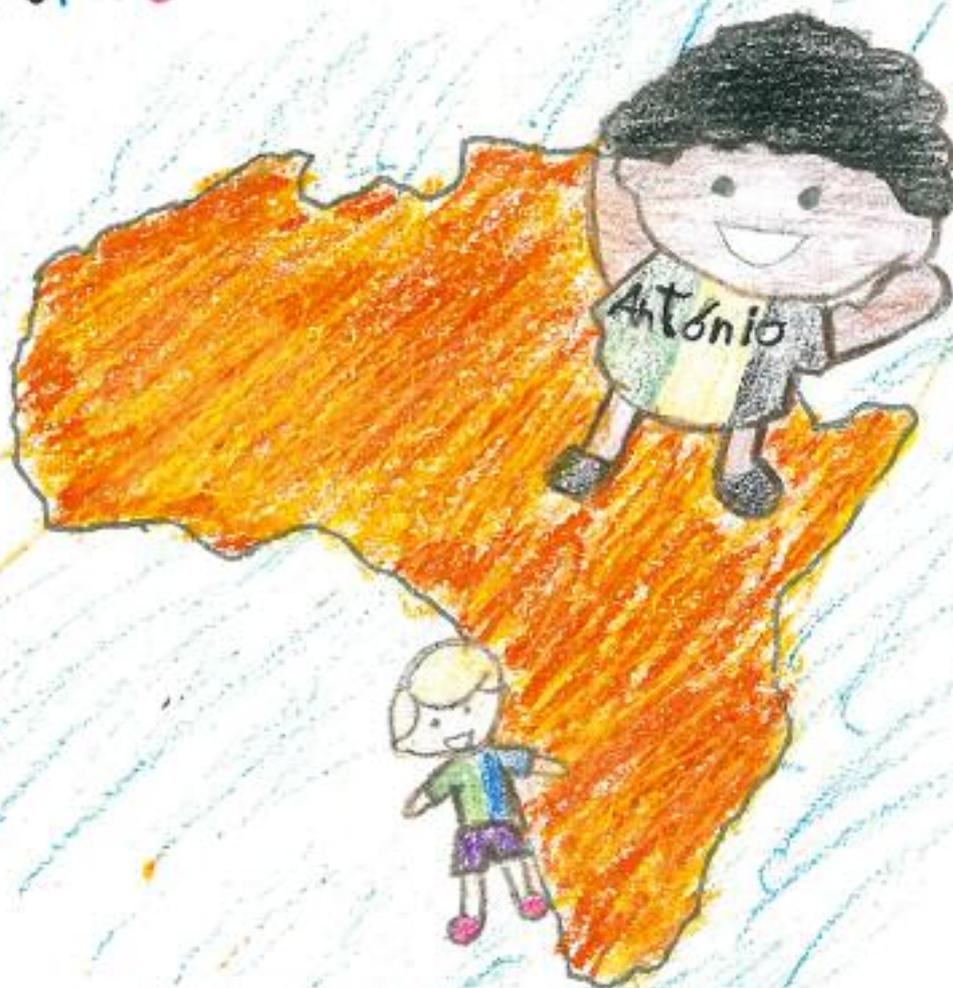


O PÁTIO

ANO XVI | N.º 107 | NOV-DEZ 2018 | ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA

Direito a um nome e
a uma nacionalidade



SEVERINO NGOENHA

Filósofo e reitor
da Universidade Técnica
de Moçambique

**“A ideia de direitos humanos é o ponto
mais elevado da reflexão humana”**

Entrevista páginas 12 a 15

Masterclass

EPM - CELP

ensinamos desde 2002



2 - EDITORIAL

3 - 19.º ANIVERSÁRIO | EPM-CELP exaltou Direitos Humanos, abraçando causa do milénio

6 - SOLIDARIEDADE | “Escola Verde” foi a marca do projeto que reciclou lixo trocado por alimentação em benefício de pessoas vulneráveis

8 - DESTAQUE | Azagaia desafiou alunos a lutarem pelos direitos humanos e, sobre a mesma temática, a aluna do sétimo ano, Matilde Silva, venceu talento no concurso da ONU

10 - EFEMÉRIDES | Música e cinema enaltecem integração social da pessoa com deficiência e o Dia Mundial da Filosofia foi pretexto para diálogo intergeracional sobre identidade

12 - ENTREVISTA | Filósofo, Severino Ngoenha, defende papel da educação para a emancipação do indivíduo, numa sociedade justa e equilibrada

16 - LITERATURA | Feira do livro e publicação de mais uma obra fortaleceram compromisso da EPM-CELP com a leitura, paralelamente às conversas, em torno dos livros, entre escritores e alunos

18 - DESPORTO ESCOLAR | Competições interescolares e jogos desportivos da EPM-CELP marcados por vitórias e aprendizagens

19 - ARTE | Auditório Carlos Paredes da EPM-CELP foi palco de exibição de guitarra clássica portuguesa e de espetáculo argentino de narração dramatizada de contos musicais

20 - CINEMA | Suspense, consciencialização ecológica e atração físico-sentimental do amor preencheram temáticas que reuniram alunos em sessões cinematográficas

22 - AO VIVO | Debate com o artista e desenhador João Roxo potenciou integração da arte na prática letiva, para além de um espetáculo teatral protagonizado por alunos

24 - MOÇAMBIQUE | Nova Lei do Sistema Nacional de Educação

25 - HISTÓRIA | EPM-CELP associou-se ao 131.º aniversário de Maputo e assinalou, com fraternidade, Natal com seus colaboradores

26 - PSICOLOGANDO | O contrato de utilização de telemóveis entre pais e filhos

27 - ASSOCIAÇÃO PAIS | Propostas de iniciativas solidárias

28 - CRONICONTO | “Nyelete”, conto de Rogério Manjate ilustrado por aluna do pré-escolar



3 | 19.º ANIVERSÁRIO DA EPM-CELP | Direitos Humanos na ordem do dia
Homenagem aos Direitos Humanos foi o mote inspirador de várias iniciativas do programa das celebrações do 19.º aniversário da EPM-CELP, com destaque para a partilha de experiências com encarregados de educação e a animada festa ao ar livre

6 | DESTAQUE

Aluna do sétimo ano, Matilde Silva, revelou seu talento ao conquistar o prémio menção honrosa no concurso sobre os Direitos Humanos promovido pela ONU



12 | Entrevista

Filósofo Severino Ngoenha defende papel da educação para a emancipação do indivíduo numa sociedade justa e equilibrada, onde destaca os Direitos Humanos como ponto mais elevado da reflexão humana.

Transformar a crítica em arte

As comemorações do XIX aniversário da EPM-CELP centraram-se, este ano, na Carta de Declaração Universal dos Direitos Humanos vigente há setenta anos. Reforçou-se a ideia da nossa responsabilidade enquanto instituição de ensino, promotora dos valores universais de igualdade, liberdade e solidariedade.

Foi lembrando os Direitos do Homem que se deu início à sessão solene com uma canção de Miriam Makeba, cantora de intervenção na luta da África do Sul contra o *apartheid*. Também a exposição coletiva fotográfica, montada no átrio da Escola, refletiu os diferentes artigos da mesma Carta, tornando aquele local de passagem num espaço para paragem e reflexão, durante os dias que antecederam e sucederam ao aniversário da EPM-CELP.

Celebrou-se ainda, em dezembro, o dia da inclusão, reiterando a ideia de que mais do que igualdade, o ensino requer uma adaptação ao destinatário, garantindo assim a equidade. Na nossa escola, a inclusão tem procurado inserir este conceito nas suas práticas, não apenas na garantia da escolaridade para todos como também na procura de soluções viáveis para o acesso ao mercado de trabalho de jovens portadores de alguma deficiência aos olhos da sociedade.

Os valores universais patentes na carta, num contexto global onde imperam bastantes desigualdades, relembram a necessidade do contacto da Escola com o meio em que se insere, possibilitando desta forma a intervenção dos alunos na realidade que os cerca. O projeto de recolha de plástico, revertendo-o em apoio alimentar para os mais carenciados, é um exemplo desta prática, apresentando neste sentido uma dupla valência: consciência ambiental e cívica dos nossos alunos.

E como todos os valores carecem de modelos, o grupo de filosofia convidou um músico conhecido pela capacidade de captar a voz da crítica social, transformando-a em arte, para um diálogo aberto com os nossos alunos.

Severino Ngoenha, entrevistado neste número pela nossa revista, lembra-nos Edgar Morin e a ideia de que Escola deve ensinar acima de tudo a Ser, destacando para esse efeito a importância das disciplinas da área das Humanidades na formação de cidadãos interventivos e capazes de se colocar no lugar do outro, como garantia do combate à intolerância, à injustiça e na construção de um mundo equilibrado e mais pacífico.

DIREÇÃO

O PÁTIO | Revista da EPM-CELP | Ano XVI - N.º 107 | Edição novembro/dezembro de 2018

Diretora Dina Trigo de Mira | **Editor Geral** António Faria Lopes | **Editor-Executivo** Fulgêncio Samo | **Redação** António Faria Lopes, Fulgêncio Samo e Reinaldo Luís | **Editores** Ana Albasini (Cooperação), Alexandra Melo (Psicologando) e Rogério Manjate (Croniconto) | **Editor Gráfico** Núcleo de Informação e Comunicação | **Colaboradores redatoriais nesta edição** Sandra Macedo, Karina Burgos, Sandra Cosme, Associação de Pais e Encarregados de Educação da EPM-CELP, Margarida Duarte, Patrícia Cascais, Faura Semá, Estela Pinheiro, Nuno Sousa, Fátima Martins, Uriel Guerra e Teresa Noronha | **Grafismo e Pré-Impressão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Infografia** André Figueiredo | **Capa** Oficina Didática | **Fotografia** Filipe Mabjaia, Firmino Mahumane e Ilton Ngoca | **Revisão** Núcleo de Informação e Comunicação | **Impressão** Minerva Print | **Distribuição** Fulgêncio Samo (Coordenador)

PROPRIEDADE Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e Língua Portuguesa, Av.ª do Palmar, 562 - Caixa Postal 2940 - Maputo - Moçambique. Telefone + 258 21 481 300 - Fax + 258 21 481 343

Sítio oficial na Internet: www.epmcelp.edu.mz | E-mail: info@epmcelp.edu.mz



EPM-CELP celebrou 19.º aniversário sob o lema dos Direitos Humanos

Mais do que fortalecer os laços de convivência entre pais, encarregados de educação, alunos, professores e funcionários, as celebrações dos 19 anos de existência da EPM-CELP, ocorridas entre 22 e 24 de novembro passado, colocaram os Direitos Humanos na ordem do dia, inspirando a festa. A homenagem foi evidente nos dias da “Escola Aberta”, sessões solenes e na festa-convívio ao ar livre.

No primeiro dia das comemorações do 19.º aniversário da EPM-CELP, a “Feira das Profissões”, enquadrada na iniciativa “Escola Aberta”, proporcionou momentos de partilha de experiências profissionais, através da qual os encarregados de educação contaram histórias de vida de superação de dificuldades, acompanhadas de reflexões sobre as escolhas individuais que, segundo a antiga jogadora moçambicana de basquetebol Clarisse Machanguana, estão acima de qualquer imposição.

Para a antiga “estrela” da WNBA (liga profissional norte-americana de basquetebol), que atualmente dirige a Fundação Clarisse Machanguana com intervenção social junto das camadas mais jovens, “o mundo não nos deve nada, portanto é preciso que

consigamos sempre identificar o que queremos, mesmo que seja contra a vontade de muitos”, acrescentando que “o que temos nas casas dos nossos pais não nos pertence. Temos, igualmente, de conquistar e criar as nossas coisas, com sorrisos, lágrimas e muita dedicação”.

O segundo dia foi marcado por duas sessões solenes de atribuição de prémios aos alunos que se destacaram pelo seu desempenho escolar no ano letivo 2017/2018. No Auditório Carlos Paredes, o evento, dividido em duas sessões – a primeira honrou os alunos do segundo ciclo do ensino básico e a segunda os do terceiro ciclo e do ensino secundário –, foi marcado por emoções pautadas pelo reconhecimento do mérito escolar dos estudantes e também pela

consciencialização e valorização dos direitos humanos, universalmente declarados há 70 anos. Diversas exibições artísticas no palco convidaram a plateia a refletir sobre as diferenças sociais e humanas e o respeito que inspiram pela observância dos direitos humanos, o mote adotado pela nossa Escola para comemorar o seu 19.º aniversário.

Em palco, os alunos do segundo ciclo exploraram, através da voz e dos instrumentos do grupo “Little Singers”, a música “Fé” e dançaram ao ritmo de “Pata Pata”, da cantora e ativista dos direitos humanos e da luta contra o “apartheid”, a sul-africana Miriam Makeba, também conhecida como “Mama Africa”. Os estudantes do terceiro ciclo e do ensino secundário, por sua vez,

extasiaram o público com demonstrações criativas, reunindo no palco pessoas de diversas religiões, opiniões, gostos, culturas e profissões, exibindo a diferença e associando esta aos direitos humanos, essenciais para uma convivência sã.

No campo protocolar, a diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, destacou, no seu discurso oficial, o contributo da Escola na construção de homens e mulheres de amanhã, sublinhando “as atividades de voluntariado como forma de levar os nossos alunos a conhecer e a intervir no meio que nos rodeia, dando-lhes uma maior sensibilidade para as questões sociais da atualidade”.

Festa ao ar livre

Na festa-convívio, que marcou o fim das celebrações oficiais da efeméride, alunos, professores, encarregados de educação, funcionários e amigos uniram-se ao ritmo de músicas e danças, ao sabor da gastronomia e ao ritmo das brincadeiras diversas, num ambiente familiar e campal, onde, com inquestionável sentido de humor e muita simplicidade em palco, o pré-escolar cantou e, através de dísticos e mensagens claras, dramatizou a problemática dos direitos da criança.

Perfiladas, as crianças manifestaram os seus anseios como “saúde, educação, paz, nome, nacionalidade, respeito, alimentação, habitação, amor, amizade e igualdade”, entre outros temas inscritos nos letreros que empunhavam. Na sequência, alinharam no palco os meninos da turma “D” do quarto ano do ensino básico, designados Tangolinos, chamando a atenção do público pela diferença, traje, estilo e dança – o tango. A solo, Thandy Fonseca, do “4.ºD”, controlou o espaço e a atenção da



plateia até à entrada do trio Patrícia Ros - Filipa Rito - Joana Silva que interpretou “Tudo para dar”, da autoria de Mia Rose.

O espetáculo foi intimista e marcado por ambiente quase familiar, contando com a presença, na plateia, de caras bem conhecidas da nossa comunidade educativa e, no palco, do “MozTango”, “Quarteto Texitto Langa”, Deltino Guerreiro e o “Coro de Professores e Funcionários da EPM-CELP”. O Quarteto e o músico moçambicano Deltino exibiram as suas habilidades: a bateria do primeiro espalhou um ritmo “afrojazz” clássico e o segundo, na guitarra, misturou a marrabenta com ritmos internacionais.

O Coro de Professores e Funcionários da EPM-CELP, por sua vez, com entusiasmo e segurança, deu autêntico “show”, interpretando canções como “Solta-se o beijo”, da Ala dos Namorados, e “Imagine”,

de John Lennon. O agrupamento fez jus aos seus dedicados dias de ensaios e só saiu do palco com a plateia já em êxtase.

O local escolhido para a festa ao ar livre, o recinto da nossa Escola, proporcionou o ambiente certo para apresentações ao vivo, conversas, brincadeiras, feiras e muito “magusto”, a par dos diversos locais de “comes e bebes”. Para além disso, “fez-se” bijutaria, gastronomia diversa, pinturas faciais e ensinou-se a desenhar e a pintar, dentre outras ofertas de entretenimento.

A castanha portuguesa foi um dos produtos mais procurados por alunos, professores, encarregados de educação e convidados de múltiplas nacionalidades, que, entre sorrisos, abraços, aplausos e cumplicidade, marcaram, a tinta indelével, mais um aniversário da EPM-CELP.





DINA TRIGO DE MIRA
Diretora da EPM-CELP
2008 - 2019

Levo na bagagem sonhos concretizados

É com prazer e emoção que este ano abro a Sessão Solene comemorativa do XIX aniversário desta escola. Prazer por sentir que continuamos a manter alta a chama desta instituição de ensino, o desafio de colocar a educação ao serviço de um mundo cada vez mais globalizado, cada vez mais complexo, que procura, para sobreviver, atingir um patamar onde o equilíbrio social, ambiental e económico, esteja presente. Emoção porque este será o último ano letivo que estarei aqui a enfrentar as questões que todos os dias nos levam a pensar os caminhos a trilhar.

(...) Trouxe na minha bagagem pouca coisa, mas alguns valores importantes que, penso, terão imprimido a sua marca nesta Escola. (...) A nível pedagógico, procurei tornar o ensino coeso e abrangente, onde as áreas científicas alicerçadas na experimentação coabitam com as artes nas suas plurifacetadas vertentes (...) Sendo esta escola inclusiva, foi minha preocupação dar sentido a esta vertente preparando cada um dos nossos alunos para a vida ativa através do projeto OMO, cujas siglas em português significam "estou por minha conta no trabalho". Esta expressão contém o essencial da minha filosofia para a educação: preparar cada um dos nossos alunos, com as suas características individuais e capacidade, para os desafios do futuro.

(...) A nossa missão vai para além do ensino. Temos uma missão de cooperação, na área da educação, segundo o acordo estabelecido com o Governo Moçambicano.

(...) Sei que esta Escola tem um corpo docente competente e que o nosso ensino, alicerçado em valores humanistas, conjuga uma componente científica solidamente consolidada com as áreas criativa e desportivas. (...) Sempre defendi o contato estreito da Escola com as famílias, na concretização do projeto de uma escola abrangente, inclusiva, multicultural, capaz de dar resposta a cada um dos alunos, garantindo-lhes o sucesso e realização pessoal.

Acredito que esta Escola será o motor para a formação de muitas gerações, competentes, críticas e interventivas.

Quero agradecer a colegas, docentes e funcionários, que me apoiaram neste percurso e que me deram alento para enfrentar os inúmeros desafios. Aos pais, que são os nossos parceiros privilegiados nesta tarefa de educar e finalmente aos alunos razão da nossa existência.

Levo, de volta, na minha bagagem, muitas alegrias, ensinamentos e sonhos concretizados.

Bem hajam!

(excertos do discurso oficial)



Livro de Luísa Antunes reforça história do ensino em Moçambique

O átrio central da EPM-CELP acolheu o lançamento do livro "O Ensino Técnico Profissional, Industrial e Comercial em Lourenço Marques durante o Estado Novo – A Escola Comercial Dr Azevedo e Silva", da autoria de Luísa Antunes, professora de História e diretora do Centro de Formação da nossa Escola.

Trata-se de uma obra, a quinta da coleção "Pensar a Educação" do catálogo da Escola, produzida para a dissertação de mestrado na área de Formação Pessoal e Social, submetida a aprovação ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, no ano de 2011.

De acordo com a apresentadora do livro, Maria Manuel Seno, o trabalho de Luísa Antunes não pode só ser visto como um exercício académico, mas, também, como uma contribuição reflexiva e real sobre o estado da educação no país.

Alunos distinguidos em 2017/2018



Quadros de Excelência 2.º, 3.º ciclos e ensino secundário

5.ºA - Jade Cabrita, Mariana Caravela; **5.ºB** - Ema Perestrela, Gabriel Couto; **5.ºC** - Alex Noormahomed, Santiago Domingos; **5.ºD** - Leonor Trindade, Maria Beatriz Venichand e Matilde Matos; **5.ºE** - Gabriel Larrouy, Lourenço Padrão, Matilde Esteves, Tatiana Jua; **6.ºA** - Amira Abb; **6.ºB** - Fábio Afonso; **6.ºC** - Maíra Leonor Correia, Rodrigo Martins e Rodrigo Garrido; **6.ºE** - Filipe Chung, Guilherme Rasteiro, Melyssa Rocha, Yara Pereira; **6.ºF** - Ana Reis, Dalila Martins, Gabriel Pimentel, Gonçalo Parente, Madalena Mexia, Ricardo Mussá; **7.ºA** - Tayla Meguey; **7.ºC** - Chantell Rebelo, Kandara Matlaba; **7.ºD** - Maria Francisca Pimenta, Rita Piñera, Sofia Meirinhos, Thandyswa Virgílio; **7.ºE** - Luca Ambrosi, Tailah Cruz; **8.ºA** - Francisco Fernandes, Karen Fernandes, Patrícia Rodrigues, Thamin Mahommed, Tiana Silva; **8.ºB** - Jorge Caldas; **8.ºC** - Ana Peral, Maria Inês Santos; **8.ºD** - Maria Leonor Parente, Carolina Ossumane, Luna Cabrita, Luna Gouveia, Patrícia Guerra; **8.ºE** - Zara Albassini; **9.ºB** - Guilherme Viveiros; **9.ºC** - Hugo Nascimento,

Igor Paruque, Maria João Teixeira; **9.ºD** - Ishara Loureiro; **9.ºE** - Gonçalo Franco, João Venichand, Sofia Amado; **10.ºA1** - Daniela Fernandes, Luana Rossini Shelton Fernhane; **10.ºA2** - Bruna Chaves, Manuel Guimaraes; **11.ºA1** - Diogo Teixeira, Gonçalo Padrão, Yuri Damasceno; **11.ºC** - Irene Silva, Margarida Dray; **12.ºA1** - Inês Stock, José Rodrigues, Keval Ramniclal, Marta Pedroso, Olívia Rocha; **12.ºA2** - Rodrigo Mendes; **12.ºB** - Elizabeth Oliveira; **12.ºC** - Isabel Barbosa, Joana Chung.

Bolsas de Mérito

Tatiana Jua (**5.ºE**); Rodrigo Garrido (**6.ºC**); Maria Francisca Pimenta (**7.ºD**); Carolina Ossumane (**8.ºD**); Maria João Teixeira (**9.ºC**); Bruna Chaves (**10.ºA2**), Gonçalo Padrão (**11.ºA1**) e Isabel Barbosa (**12.ºC**).

Prémio Baltazar Rebelo de Sousa
Gonçalo Padrão (**11.º A2**).

Prémio Melhor Leitor da BJEC
Jade Noronha Cabrita (**5.º A**).



Recolher plástico para reverter em so

Alunos, professores e funcionários da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) envolvidos no projeto “Escola Verde” coletaram dezenas de garrafas “pet” e respetivas tampas – o equivalente à carga suportada por três carrinhas tipo caixa aberta – que, a 11 de dezembro passado, foram oferecidas à Plataforma Makobo para reverter em Sopa Solidária, destinada a crianças desfavorecidas do Bairro dos Pescadores, na cidade de Maputo.

Ação, promovida pelo grupo “Estamos Juntos por uma Escola Verde” da EPM-CELP, contou com a colaboração de alunos do “11.ºA1” que adotaram a iniciativa como projeto de turma, desenvolvendo iniciativas de sensibilização junto dos colegas dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico e do ensino secundário para promover atitudes cívicas e proactivas em prol da sustentabilidade ambiental, num claro convite ao respeito pelo meio ambiente.

Durante o período de recolha dos resíduos – em vários locais da Escola, como, por exemplo, “parrots” dos matraquilhos e

do primeiro ciclo, cantina, varandas junto à papelaria e do primeiro piso, sala dos professores e Pátio das Laranjeiras –, a “Escola Verde” instou a comunidade escolar da EPM-CELP a conservar os objetos em contentores identificados para, posteriormente, fazer-se a reciclagem do material, do qual uma parte foi reutilizado para a dinamização de atividades da festa de comemoração do 19.º aniversário da EPM-CELP, no passado dia 24 de novembro.

De acordo com Patrícia Cascais, membro do grupo dinamizador da “Escola Verde” e professora de Matemática, a prática sus-

tentável conseguiu “evitar que o plástico fosse para lixeiras, passeios, praias, rios e mares”, reforçando a ideia que a iniciativa ajuda crianças, adolescentes, jovens e adultos a construir um melhor entendimento sobre as questões ambientais, fator de motivação para a assunção de atitudes e comportamentos sustentáveis. “Estamos Juntos por uma Escola Verde” é um projeto que pretende mobilizar a comunidade escolar para a reutilização do lixo, pois, explicou Patrícia Cascais, “todos nós temos a certeza de que faz parte da nossa responsabilidade, como cidadãos e como educadores,



Sopa solidária

conscientizar os nossos alunos para uma atitude cívica e proactiva na sustentabilidade ambiental”.

Para além da ajuda concedida aos pequenos da Escolinha Solidária do Bairro dos Pescadores, a reutilização do plástico tem efeitos benéficos para a saúde ambiental. A título de exemplo, durante o primeiro mês de existência da “Escola Verde” foram recolhidas quantidades consideráveis de garrafas “pet”, que encheram três vezes uma carrinha ligeira de caixa aberta, prosseguindo o projeto com os mesmos “Pontos de Recolha Verde”.

Numa outra campanha – no “Word Clean Day”, a 15 de setembro passado – a EPM-CELP juntou cerca de 50 pessoas, entre alunos, professores, pais e encarregados de educação e dirigentes na maior ação mundial de limpeza, onde conseguiu coletar 83 sacos de 50 quilos cada, cheios de lixo de toda a espécie, desde mantas, garrafas pet e sacos plásticos, entre outros resíduos.



Um prato de sopa para apoiar a nutrição e o alfabetismo

Duas semanas após a recolha do lixo pela comunidade educativa da EPM-CELP, o fundador da Plataforma Makobo, Ruy Santos, revelou os resultados da iniciativa a “O Pátio”. No seu balanço, o responsável referiu que a Escola conseguiu doar meia tonelada de lixo diverso que foi revertida em dezenas de painéis de sopa para ajudar as pessoas carenciadas do Bairro dos Pescadores.

De acordo com Ruy Santos, a “troca de lixo por apoio alimentar a pessoas carenciadas” é uma iniciativa de inclusão económica e social de indivíduos em situação de vulnerabilidade. Basicamente, “pretendemos encontrar, através da recolha e reciclagem do lixo, formas alternativas de integração económica e social de indivíduos de grupos menos favorecidos, promovendo a recolha do lixo como uma alternativa de renda ou de apoio alimentar, ao mesmo tempo que se reduz o impacto do lixo no ambiente”, disse Ruy Santos.

Atualmente, a Sopa Solidária beneficia, mensalmente, cerca de 20 mil pessoas em todo país, dos quais 13 mil na cidade e província de Maputo. Sustentando o projeto, o fundador referiu que “com os valores das vendas dos resíduos vamos alargar a nossa base de apoio alimentar a crianças dos três aos 17 anos, através das iniciativas Sopa Solidária e Lancheira Solidária ou Merenda Escolar”.

Neste momento, a “Merenda Escolar” favorece mais de 300 crianças a frequentarem o ensino primário público, residentes no Bairro dos Pescadores, na Costa do Sol e no Bairro Patrice Lumumba, na Machava, província da Matola. No arranque do ano letivo 2019, a “Merenda Escolar” irá beneficiar também crianças do Bairro Polana Caniço “A”, em Maputo, pretendendo estender esse apoio à um milhão de crianças em todo o país, até finais de 2020.

Coleta e reciclagem do lixo envolveram alunos do pré-escolar

Mais uma vez sob o signo da sustentabilidade ambiental, também os meninos do pré-escolar da nossa Escola participaram, no passado dia 7 de dezembro, numa palestra-conversa sobre a trituração e a reutilização de garrafas plásticas, proferida pelo diretor-geral de Reciclagem e Serviços, Rui Andrade e Silva.

Os petizes, com idades entre os três e cinco anos, tiveram contacto direto e experimental com o processo de reciclagem, que passa pelas fases de recolha do material, a sua colocação na máquina trituradora, a entrada do plástico derretido nos moldes e, por último, o resultado final de todo o processo.

Rui Silva assumiu gostar de trabalhar com crianças porque “primeiro são o futuro e depois, ao sensibilizá-las sobre os malefícios do plástico, estamos a garantir um futuro melhor”, concluiu.



Azagaia desafiou alunos da EPM-CELP a lutarem pelos Direitos Humanos



O músico moçambicano Edson da Luz, ou simplesmente Azagaia, juntou-se, a 10 de dezembro, a alunos e professores de várias gerações da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) para partilhar experiências e visões, enquanto jovem e artista de intervenção social, no colóquio subordinado ao tema “A Cidadania em Ação”, organizado pelo grupo disciplinar de Filosofia e Psicologia no âmbito do Dia Internacional dos Direitos Humanos, hoje assinalado.

Sandra Macedo, professora de Filosofia e Psicologia da nossa Escola, referiu que o convite ao “rapper” Azagaia está associado ao facto de ser um modelo de comportamento na sociedade moçambicana, sobretudo através das suas músicas de intervenção social, explicando ter sido sua intenção “assinalar a ocasião com alguém que se assume na sociedade com uma postura de interveniência ativa e de defesa dos direitos humanos através da música” e garantindo ser possível “expressar os nossos direitos e defendê-los de muitas formas”. A docente, que moderou a interação público-artista, acrescentou que “tratando-se de um ícone da juventude com quem esta se

identifica, pelo impacto que provoca nos comportamentos e formas de pensar, convidamos o Azagaia para transmitir a sua experiência de vida e a sua vivência dentro da luta pelos direitos humanos”.

Azagaia aproveitou a ocasião para inspirar os seus fãs nos caminhos da luta pelos direitos humanos, através de diversas formas de intervenção. Num ambiente ímpar e informal, o autor de “A Marcha”, “Declaração da Paz” e “Povo no Poder”, entre outros temas, falou das suas influências artístico-literárias, com destaque para a poética de Fernando Pessoa, de vários líderes mundiais e dos seus próprios pais que, embora de culturas e etnias diferentes, se apaixonaram e amaram incondicionalmente.

Sobre a celebração dos 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Azagaia afirmou que “foi uma coisa muito boa que se fez e espero que os países que assinaram esta declaração possam levar ao pé da letra o que lá vem escrito e que todos assumam esses direitos como importantes para os seus povos”. O artista declarou também que conversar com jovens interventivos “é uma alegria muito grande”, revelando que quando começou a fazer música nunca

imaginou atingir o nível atual. “É como se fosse um presente pelo número de anos que canto e creio que estou a fazer pelos motivos certos, tanto é que espero que os que querem seguir o mesmo caminho encontrem inspiração, assim como eu encontrei em poemas e pensamentos de líderes mundiais”, confessou Azagaia. Para além dos livros, de pensamentos revolucionários e dos episódios que marcam o quotidiano da sociedade moçambicana, o artista revelou que a inspiração advém do facto de não poder fazer “nada para mudar o que acontece à minha volta, mas como sei que me posso indignar, reclamar ou gritar, faço cantando”, esclareceu.

A plateia do Auditório Carlos Paredes, composta maioritariamente por adolescentes e jovens, elogiou o artista pela coragem, lembrando episódios reportados pela imprensa nacional e internacional dando conta da intimidação, censura e limitação do pensamento do músico por políticos. A ocasião também acolheu a exibição do vídeo baseado no “Poema de Paiol”, um evento trágico que dizimou vidas, feriu e desabrigou várias famílias nas cidades de Maputo e da Matola no ano de 2007.



BIOGRAFIA DE AZAGAIA - Azagaia (espécie de lança curta) é “rapper” moçambicano. Nasceu a 6 de maio de 1984 em Namaacha, na província de Maputo, perto da fronteira de Moçambique com a Suazilândia.

Iniciou a carreira musical com 13 anos no grupo Dinastia Bantu, com MC Escudo, onde chegaria a lançar, em 2005, o álbum Siavuma. Constam do seu repertório musical álbuns como Babalaze (“ressaca” em changana), “Cubaliwa” e músicas como “Combatentes da Fortuna”, “Arriiii”, “Movimento de Intervenção Rápida”, “Homem Bomba”, “ABC do Preconceito” e “Povo no Poder”, entre outras.



Matilde Silva distinguida em concurso da ONU sobre Direitos Humanos

O desenho de Matilde Silva, aluna da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), recebeu uma menção honrosa no concurso sobre os Direitos Humanos, “Kids4HumanRights”, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os resultados foram revelados anteontem, Dia Internacional dos Direitos Humanos.

A frequentar o sétimo ano do ensino básico e com 11 anos, Matilde Silva logrou colocar a sua obra na lista das 23 distinguidas do tema dois - “Um Defensor dos Direitos Humanos” - e entre as 61 das 17 mil concorrentes. Embora o referido tema consistisse em desenhar uma personalidade que representasse a luta pelos direitos humanos, “eu fiz quatro e no fundo pintei o Monte Rushmore, que mostra igualmente o comprometimento dos Estados Unidos da América (EUA) na valorização dos direitos humanos”, contou a autora da obra.

Com um desenho que explora rostos e lugares históricos, a nossa estudante levou ao certame um trabalho que valoriza, através da união da técnica do esboço com grafite a cores diversas, os contributos de Eleanor Roosevelt, a ex-primeira-dama dos EUA de 1933 a 1945; Martin Luther King, pastor protestante e ativista político norte-americano; Mahatma Ghandi, idealizador e fundador do moderno estado indiano e o maior defensor do “Satyagraha” como um meio de revolução, e Nelson Mandela, advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, todos eles envolvidos na luta contra todo o tipo de marginalização, vincado pela ONU em 1948.

O concurso “Kids4HumanRights, organizado pelo Serviço de Informação da ONU em Genebra, pela Fundação Gabarron e pelo Gabinete do Alto Comissariado para os Direitos Humanos no âmbito das comemorações do 70.º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, gerou mais de 17 mil



inscrições de crianças de todo o mundo que, através do lápis e cores diversas, expressaram as suas visões sobre os direitos humanos e o compromisso de alguns líderes para a sua defesa.

O júri internacional que avaliou os trabalhos foi presidido pelo artista espanhol Cristóbal Gabarrón; a cartunista sírio-palestino que venceu o Prémio Internacional Caricaturista 2014 atribuído pela “Cartooning for Peace”, Kate Gilmore; a subcomissária de Direitos Humanos da ONU, Susanna Griso, o jornalista espanhol e apresentador de televisão (Espejo Público Antena 3 TV), Tomas Paredes, e pelo enviado especial do secretário-geral da ONU para a juventude, Jayathma Wickramanayake, entre outros.

Matilde Silva é estreante em concursos de desenho e quando a sua obra acedeu à semifinal da competição ficou exposta no Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, em Espanha.



Testemunhos vivos de inclusão no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência



A Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) assinalou, a 3 de dezembro último, o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência com debates cujo mote foi a sensibilização e a consciencialização para o reconhecimento e a necessidade da plena integração social da pessoa com deficiência. A diretora da nossa Escola, Dina Trigo de Mira, o subdiretor Francisco Carvalho, professores e alunos de várias gerações partilharam as suas experiências sociais para uma plateia constituída por estudantes do ensino especial, pré-escolar e primeiro ciclo do ensino básico.

Na primeira intervenção do dia, Francisco Carvalho, subdiretor da EPM-CELP para a área pedagógica, reforçou, em referência à Declaração Universal dos Direitos

Humanos, a necessidade de se respeitar as diferenças, repudiando a estigmatização a que, por vezes, estão sujeitas as pessoas portadoras de deficiências, afirmando, a propósito, que “ninguém deve infantilizar as pessoas com deficiência e pensar que alguém se relaciona de forma amorosa por pena ou bondade”.

A diretora Dina Trigo de Mira valorizou, por sua vez, as amizades mesmo quando houver diferenças, o que, por si só, reforça os laços afetivos e atesta a diversidade humana, de pensamento e de ideias expressas. Apoiando-se no filme de animação que versa as diferenças humanas, Dina Trigo de Mira enalteceu valores de gratidão, amizades sinceras e a consequente felicidade que nos invade quando aceitamos e amamos as pessoas tal e qual são.

Com o mesmo entusiasmo e espírito inclusivo, a turma do ensino especial contagiou a plateia com o tema “Aquarela”, da autoria de Toquinho. Na sequência, alinharam no palco do átrio central da EPM-CELP, sob o ritmo do piano tocado pelo professor Assumane Saíde, os meninos do primeiro ano do ensino básico que, através de um jogo de gestualidade manual, animaram o espaço e mobilizaram a atenção dos espectadores até à entrada de Luísa Antunes, professora de História e diretora do Centro de Formação da EPM-CELP, que ofereceu o seu testemunho pessoal e universalista sobre a problemática dos direitos humanos.

O trio Érika Vasconcelos, Júlia Sacramento e Sara Ibraimo, do “9.ºD”, trouxe para o evento três distintas declarações sobre a efeméride, seguidas pelas proferidas pelas técnicas Teresa Noronha e Ana Castanheira e, ainda, pela professora Estela Pinheiro. Por sua vez, os professores Leandra Reis, Assumane Saíde e Isac Maússe acompanharam, instrumentalmente, as atuações de vários alunos que se associaram à iniciativa.

Ao final da tarde, igualmente para marcar a efeméride, a Associação de Pais e Encarregados de Educação da EPM-CELP dinamizou, no Auditório Carlos Paredes, um “workshop” intitulado “É normal ser especial”, que juntou vários intervenientes e atores do projeto educativo da nossa Escola.





Diálogos intergeracionais com “alma” marcaram o Dia Mundial da Filosofia

Professores e alunos de várias gerações da EPM-CELP juntaram-se, no Auditório Carlos Paredes e no átrio principal, para celebrar o Dia Mundial da Filosofia a partir da exibição da curta metragem “Alma”, que inspirou o debate sobre o significado deste conceito e sua relação com o corpo na constituição da identidade humana.

A efeméride, celebrada na nossa Escola no passado dia 15 de novembro, foi pretexto para colocar à prova o valor da filosofia no desenvolvimento do pensamento intercultural, fazendo jus à ideia de que a opinião crítica ajuda a dar sentido à vida e às ações humanas que rompem a indiferença, à adoção de novas ferramentas de aprendizagem e ao espírito humanista.

Os debates – um de manhã e outro à tarde – foram guiados por críticas e pensamentos em torno da liberdade, controvérsias sobre conceitos e sua apropriação filosófica pelos alunos focados na sensibilidade e respeito pelos outros. Por exemplo, para Madalena Costa, do “3.ºC”, falar da alma é o mesmo que falar de sentimentos, sobretudo o de respeito pois “quando estamos perto de um animal ou de uma planta não podemos magoá-los porque isso é desrespeito”, afirmou a aluna de oito anos, acrescentando que “tal como queremos ser respeitados devemos respeitar os outros”.

Outros alunos apresentaram convicções contrárias ou pelo menos distantes das referidas por Madalena Costa. Por exemplo, Helena Costa, do “11.ºC”, considera que “o corpo e a alma são uma só substância”, acrescentando que “o corpo conota a alma da mesma forma que a alma conota o corpo”. Rosa César Nhangave, também do “11.ºC”, rebateu as afirmações da sua colega de turma, afirmando que “ao contrário do que a Helena disse, o corpo

não existe sem alma” pois, explicou, “a alma é a razão do mover do corpo. Mas acho que, literalmente, a alma pode mover-se sem o corpo, porque, tal como uma aluna do terceiro ano referiu, a alma é como se fosse o tesouro e o corpo o baú. Vimos também no filme que a alma pode reencarnar nos objetos e numa outra pessoa, ao contrário do corpo que na morte é sepultado”, argumentou a estudante.

Sobre o significado que se confere à efeméride, enquanto oportunidade de debate em torno de vários problemas sociais, Helena Costa realçou que o Dia Mundial da Filosofia dá a todos a possibilidade de exprimir sentimentos e expandir o conhecimento, “porque a filosofia explora as nossas perguntas e até onde vai o nosso sentido racional e a oportunidade de reflexão”, declarou.

Salvador Martins do terceiro ano, turma “C”, considera que a celebração do Dia Mundial da Filosofia “é uma oportunidade de as pessoas pensarem nas coisas: desabafarmos e não termos vergonha de dizer o que nós achamos, porque todos têm a oportunidade de dizer o que acham”, explicou o aluno, para quem, inicialmente, as aulas de filosofia provocavam medo, “porque achava que as pessoas se iam rir de mim, mas quando notei que todos tínhamos o mesmo medo, percebi, então, que ninguém teria coragem de se rir e comecei a desabafar”, esclareceu Salvador Martins.

De acordo com a representante do grupo disciplinar de Filosofia e Psicologia, Manuela Ferreira, apesar de o tema “alma” se ter revelado difícil e metafísico, os alunos aderiram e colocaram visões interessantes, salientando que o lema “Filosofia e Humanismo: por que devemos crer na Humanidade?” a leva a acreditar que “é na alma que está o segredo, a paz do ser humano”.

Como avançou, as crianças e os adolescentes produziram uma reflexão profunda sobre o que é alma, “desde o seu conceito até descobrirem, no debate, que as almas não são iguais, cada um de nós tem a sua própria alma, o seu próprio tesouro que habita no baú que se chama corpo. Viajamos desde Pitágoras, passando por Platão e Aristóteles, estudando a filosofia de uma outra maneira”, concluiu Manuela Ferreira.

No fim dos debates, os alunos foram estimulados a exteriorizarem as suas ideias através de desenhos em folhas de papel colocadas à disposição no átrio central da EPM-CELP. No período da tarde, também o pátio central da vizinha Escola Fancesa foi o local escolhido para o debate que colocou face a face os alunos do ensino secundário da nossa escola e da anfitriã. Com o apoio dos professores de filosofia dos dois estabelecimentos de ensino, foram os próprios alunos os protagonistas da ação conjunta, que permitiu o debate sobre a “Alteridade e Identidade”, suscitando questões relacionadas com a convivência de culturas diferentes e a participação na identidade humana.

Acolher ou rejeitar o outro foi uma das perguntas que desencadeou a reflexão sobre a crise migratória, a apatridia e o populismo. Nas intervenções alternadas entre o francês e o português, ainda houve lugar para considerações sobre a língua na equação entre a africanidade e a “moçambicanidade”, a aculturação e o determinismo histórico.

A UNESCO instituiu o Dia Mundial da Filosofia em 2005 e, desde então, a Organização Internacional Nova Acrópole celebra a efeméride em mais de 50 países, onde atua por meio da promoção de debates, palestras, exposições, painéis e eventos diversos.

SEVERINO NGOENHA
Filósofo e reitor da
Universidade Técnica
de Moçambique



“A educação básica serve para nos abrir ao mundo”

Severino Ngoenha, filósofo e reitor da Universidade Técnica de Moçambique, projeta a educação e a emancipação do indivíduo na sociedade a partir da sua circunstância geocultural em determinado momento histórico, numa indissociável dialética entre o local e o global. Uma porta que elimina centrismos e periferias culturais, colocando o homem circunstancial no centro do mundo.



Entrevista conduzida por FULGÊNCIO SAMO e REINALDO LUIS

Nelson Mandela afirmou, um dia, que a educação era um meio de emancipação do indivíduo e da sociedade. Que comentário lhe merece esta apreciação à luz da força que atribui à educação enquanto meio de alcançar uma sociedade justa e equilibrada?

Quer dizer que a educação forma o indivíduo. Não somos moçambicanos ou portugueses porque os nossos pais nos ensinam a ser. Mas, tornamo-nos moçambicanos

quando chegamos à escola onde nos dizem que a nossa identidade vai para além do espaço familiar, do espaço étnico, do espaço da nossa cidade e da nossa religião, dentro de uma configuração geográfica mais larga que vai do Rovuma ao Maputo. Neste espaço existem pessoas de cores, raças, etnias, crenças e línguas muito diferentes. Isto os nossos pais não nos ensinam, quem nos ensina é a escola, a educação ensinamos os nossos direitos, deveres e responsabilidades, ensinamos a nossa cidadania. Sem escola não seríamos indivíduos capazes de fazer face à sociedade, aliás, aqueles que não têm utensílios suficientes experimentam dificuldades na sua integração na sociedade. Sem escola também não seríamos sociedade e não conheceríamos

os nossos direitos e deveres de cidadania como meios à nossa disposição para viver em sociedade. Por isso não há nenhuma dúvida, como diz Edgar Morin, que a educação nos ensina a ser, a estar e a fazer. O que Mandela diz é, essencialmente, que não seríamos livres se não passássemos pelo processo educativo.

O direito não é, então, uma reivindicação, mas também a obrigação de cumprir deveres para que aquele seja exercível....

O pensamento, na sua dimensão cronológica e extensão para espaços culturais diferentes, produziu muitas ideias extraordinárias. Aprendemos com os sofistas a reivindicar direitos, tendo sido a pri-

meira vez que os direitos humanos foram colocados como possibilidades; aprendemos com os gregos as ideias de democracia, uma cidade onde todos participamos; aprendemos com o cristianismo a ideia de que a fraternidade e o amor são mais importantes do que os conflitos e as guerras; aprendemos o humanismo no renascimento e a ideia da universalidade com o iluminismo. Mas parece que a ideia de direitos humanos é o ponto mais elevado a que chegou a reflexão humana, no entanto a sua aplicação prática coloca sempre problemas pois não conseguimos traduzi-los em alguma coisa de concreto. Ora, nesta teorização os direitos humanos são-no porque somos pessoas, somos humanos, não estando, por isso, ligados a nenhuma espécie de reivindicação. É preciso lembrar que os que pensaram em primeiro lugar nos direitos humanos não foram perseguidos nem subalternizados, tendo sido, até, pessoas que pertenciam às elites. Os direitos humanos foram produto da reflexão humana livre e independente e é por isso que digo ter sido o ponto mais elevado da reflexão de certos indivíduos pertencentes às elites, mas defensores da sua extensão aos outros indivíduos.

Numa sociedade favorável ao desenvolvimento contemporâneo do ser humano e da sociedade, que valor tem a divisão público-privado na educação básica dos cidadãos?

As sociedades contemporâneas são, todas elas, contraditórias porque falam de direitos que colocam a tônica nos indivíduos, esquecendo que estes não vivem sozinhos, mas integrados na sociedade. Por um lado, fala-se em direito à educação, à saúde e à alimentação, mas as próprias sociedades nem sempre oferecem meios para o exercício desses mesmos direitos, sobrando, então, as grandes proclamações dos direitos humanos. Esta divisão quase rígida entre o público e o privado, tal como teoriza Jurgen Habermas, é muitas vezes problemática porque, no fundo, coloca-se o acento no espaço privado esquecendo-se que o espaço público só pode existir porque se desprende do espaço de todos. Assim, as nossas riquezas fundamentais, ou seja, o que temos de mais importante, são colocadas no espaço privado e não no público. E isto é extremamente perigoso porque, no fundo, o que faz de nós cidadãos não é o espaço privado, mas sim o espaço público, tornando-nos sujeitos com direitos numa sociedade. As sociedades ligadas ao individualismo tendem a fazer do espaço privado a coisa mais importante que existe. Agora que estamos no liberalismo e ultraliberalismo estamos todos a lutar, como nas manifestações do “gilles jaunes” na França. Os impostos cobrados aos cidadãos são o meio que permite construir estradas e pontes, pertencentes ao espaço público, mas

estamos a dar prioridade aos meios que permitem o alargamento do espaço privado. Daqui a pouco poderemos ter vilas ou aldeias de indivíduos que terão prioridade sobre as escolas e se isso vier a acontecer a violência será ainda maior do que já é a própria divisão social.

Que legitimidade tem o poder político para condicionar a educação básica e universal dos cidadãos aos interesses circunstanciais e historicamente localizados desse mesmo poder?

A educação deveria permitir-nos sabermos ser, estar e fazer. A educação básica serve, essencialmente, para nos abrir ao mundo. E é claro que o mundo começa no lugar onde estamos. Nós estamos em Moçambique e não nos podemos abrir ao mundo a partir do Japão ou dos Estados Unidos da América, mas sim a partir de onde nos encontramos. O objetivo é aprender a ser e estar no mundo que se abre diante de nós para além da nossa povoação, vila ou religião. De facto, quando o indivíduo tem 10 ou 11 anos a escola primária coloca-o em interação com o espaço mais largo do mundo. Por isso o objetivo da educação tem de ser duplo: fazer com que o indivíduo se insira no mundo, mas a partir da perspectiva do lugar onde está. É aquilo a que nós chamamos de global. Ninguém se pode abstrair do facto de pertencer ao mundo. Porém, não podemos apreender o mundo a partir de outra coisa que não seja o lugar onde estamos, o espaço geográfico, a língua e a circunstância precisos. Eu vivo neste Moçambique. Ortega y Gasset diz que “eu sou eu e as minhas circunstâncias”, querendo dizer que temos de partir do lugar onde estamos para pensar o mundo e nele nos inserirmos. Por isso, todo o processo educativo que tenda a tirar a pessoa da sua dimensão local será errado, bem como todo o que tente fazer esquecer a dimensão global do indivíduo será problemática.

Como define a filosofia africana de hoje e qual o seu grau de evolução?

Está a nascer um novo paradigma na filosofia africana de hoje. Esta nasceu por volta de 1945 com Placide Tempels e a filosofia bantu, gravitando em volta desta o essencial até há cinco ou seis anos com a escola

etnofilosófica, a escola crítica ou a escola hermenêutica. Hoje nasce um novo paradigma em torno do qual muitos filósofos africanos se meteram rapidamente a trabalhar: é a questão do universalismo. Só que este iluminismo falou de um universalismo etnocêntrico, ou seja, era universal aquilo que era pensado por uma centralidade muito pequena, que era a do ocidente. Hoje trata-se de pensarmos como cidadãos do mundo capazes de pensar no universal. Mas não num universalismo etnocêntrico, que teria a Europa e os europeus como os únicos fazedores do universal, os únicos que tinham

língua e linguagem para pensar por todos. É, sim, um universalismo que reivindica – aliás, muito concordante como o que se pensa na América Latina de hoje – a “descolonização” e a rutura epistemológica, pensando-se hoje no pós-colonialismo. Hoje os filósofos africanos estão muito empenhados a pensar que são cidadãos do mundo, porque, de facto, não somos periféricos. A ideia é: não existe um universalismo ligado a um continente

particular, mas para podermos ser universais temos de fazer o somatório das nossas culturas e individualidades para pensarmos o universal. Estamos preocupados não com uma afrocentricidade, mas com a possibilidade de sermos protagonistas do pensamento deste mundo, do qual, afinal de contas, somos parte integrante.

Tem participado em Moçambique na iniciativa Tertúlias Filosóficas. Como tem sido a experiência?

As Tertúlias Filosóficas nada têm a ver com o africano. Personagens como Michel Foucault, Jacques Derrida, Jacques Lacan e, sobretudo, Jean Paul Sartre já o faziam. Sartre, por exemplo, discutia ideias com os alunos num restaurante em Montparnasse (França), sempre na mesma mesa que ainda hoje guarda o seu nome. A partir de 1968 houve a ideia de que a filosofia não podia continuar prisioneira das academias, tal como sucedia com o conhecimento monástico na época medieval ou o universitário na época moderna. Ao invés, a filosofia de Platão fazia-se no jardim “academos”, do qual derivou a palavra academia, e a de Aristóteles através dos passeios peripatéticos.

»»»



cos. A partir de 1968 nascem os cafés filosóficos onde os filósofos, semanal ou quinzenalmente, sentavam-se com as pessoas para discutir problemas de interesse geral. Começaram em Paris (França) e hoje estão por todo o mundo, com destaque para o Brasil, onde há cafés filosóficos famosos. A filosofia não pode ser uma prerrogativa exclusiva daqueles que vão para a universidade, pois ela ocupa-se de questões mundanas. Foi o que nós fizemos com as Tertúlias Filosóficas, que é uma ideia nascida há cinco ou seis anos, no Jardim dos Professores, no Jardim Tunduro, no Parque dos Continuadores e no Jardim dos Majermanes, que, agora, acolhe os encontros religiosamente uma vez por mês. Durante todo o ano falamos da reconciliação nacional como questão filosófica. Partimos do princípio que Moçambique fez uma reconciliação entre dois partidos políticos que não atingiu os partidos não parlamentares e nem mesmo os parlamentares como a Frelimo e o MDM, muito menos a sociedade civil, as religiões, as escolas e as universidades. Começamo-nos a perguntar, então, se Moçambique precisava ou não desta reconciliação. E foi interessante porque fizemos um apelo a visões de outros conflitos no mundo. A primeira pessoa convidada falou-nos da África do Sul, depois tivemos o embaixador da Argentina que nos falou da experiência dos desaparecidos, veio mais tarde um italiano falar-nos da forma como a Itália saiu do fascismo depois de Mussolini; seguidamente interveio o embaixador da Alemanha para nos relatar como a Alemanha recoseu o tecido social após a guerra e se reconciliou com a sua história e a RDA. Também demos a atenção ao professor Mazula, ao jornalista Vieira Mário e ao académico Jaime Macuane com o objetivo de pensar Moçambique, o que não pode ser exclusivo nem só do parlamento nem de alguns grupos restritos ou nem só nas universidades. A discussão tem de ser de todos. E mesmo nas universidades a questão não pode ser pensada só no âmbito da filosofia ou das ciências políticas ou do direito. O nosso objetivo é termos uma maneira mais ecuménica e abrangente de pensar, que não seja simplesmente o universitário. A pessoa que não frequenta a universidade também tem ideias ou capacidade de pensar. Cria-se, assim, um espaço de troca de opiniões e não de confrontação, como se faz na política, não de propaganda como se faz nos média, mas, de facto, de diálogo. E fazer isto é voltar aos fundamentos da própria filosofia, que nasceu e tem de crescer como diálogo.

Que tipo de homem é necessário formar em Moçambique?

Houve um tempo em que sabíamos o homem que pretendíamos formar. No



tempo colonial queríamos formar um homem subalterno, que estivesse ao serviço do homem. Há um discurso muito famoso do bispo de Lourenço Marques, Pimentel dos Santos: “vamos abrir as escolas aos indígenas, não para os fazer doutos e doutores, mas servos de Deus e servidores dos homens”. Estava, então, muito claro o que se pretendia com a escola: servidor dos homens, quer dizer, servidor do homem branco, submetendo o homem negro ao serviço. No tempo socialista estávamos muito claros: queríamos formar o camarada socialista. Não havia nenhuma dúvida. O grande drama que temos hoje é que não sabemos o que queremos. O grande drama depois da queda do muro de Berlim e da entrada na democracia é que devíamos formar cidadãos democratas e abertos. Mas estamos, de facto, a formar indivíduos egoístas, concentrados e centrados sobre eles mesmos. Este é um grande drama e é por isso que a filosofia deve antecipar e dizer que homem pretendemos formar, para que a educação, com os seus mecanismos pedagógicos e didáticos, possa seguir.

Que perfil de educação preconiza para Moçambique face às atuais metas globais?

É preciso ter em atenção que a atualidade está simplesmente preocupada em criar pessoas que tenham um saber-fazer que lhes permita ter amanhã um emprego. É importante e é justo que isso aconteça, mas não pode ser em detrimento do saber-ser e saber-estar. O saber-ser é formar a pessoa na sua dimensão filosófica, moral e cultural, que está a ser preterida em todas as partes do mundo. Ao nível dos programas curriculares o número das matemáticas está a aumentar, enquanto o das letras, arte, desenho, canto e desporto está a baixar em todo o mundo. Quer dizer que estamos a formar máquinas como gente que saiba responder àquilo que a empresa internacional

a implantar-se em Moçambique quer. Mas a educação tem uma valência cultural, que não pode ser preterida em função da formação do técnico, do operário ou do engenheiro. Mas este é um problema que não é exclusivo de Moçambique, é do mundo inteiro. Há um livro de um italiano que acaba de ser publicado, com o título “A utilidade do inútil”, que fala das coisas inúteis, como o desenho, a arte, mas que são úteis na formação da pessoa, não servindo absolutamente para nada, porém, para as empresas.

Qual o estado da academia filosófica em Moçambique?

Estamos a crescer. Quantitativamente Moçambique nunca teve tanta gente formada em filosofia, é preciso reconhecer. Nunca Moçambique teve tanta gente a saber o que é a filosofia, a deixar-se interrogar por ela. Hoje em Moçambique todos os liceus têm um professor de filosofia. Todo o estudante que acaba o 12.º ano teve a disciplina de filosofia e esta massificação é importante. Agora ela vai precisar de uma maior qualidade ligada à maneira como é ensinada e se coloca diante dos alunos, mas atenção, é também preciso que a filosofia seja convocada a dialogar com a sociedade moçambicana e que esta se deixe interrogar pela filosofia. Porque aquilo que nós chamamos qualidade de filosofia nos países mais representativos, como a França ou a Alemanha, é feita de diálogo com as realidades sociais do seu próprio continente e espaço. Você nunca leu um livro de Sartre ou de Heidegger que fale de Moçambique, pois eles nem sabiam onde é o país. Eles partiram da realidade alemã para poderem pensar a Alemanha no mundo. E o nosso mundo tem de partir de Moçambique. Então a filosofia tem de ser capaz de interrogar o mundo a partir da realidade moçambicana, que tem de ser permeável à interrogação filosófica.

Qual a sua opinião sobre a intelectualidade moçambicana em termos de pesquisa e produção literária?

Moçambique nunca teve tanta gente educada como hoje. Até 1974/1975 só cinco por cento dos moçambicanos não eram analfabetos e desses os universitários eram algo próximo dos zero por cento. Hoje estamos com uma massa de pessoas, uma massa crítica que Moçambique nunca teve. Um verdadeiro milagre produzido num espaço de tempo muito curto. Temos de reconhecer que há uma massa crítica que cresceu. Podemos dizer que esse crescimento ainda é pouco em relação às necessidades de Moçambique e em termos comparativos com outros países do mundo. É verdade que não estamos a fazer suficiente trabalho de investigação e de publicações. Mas estes aspetos em falta não devem ofuscar o grande caminho e a grande estrada que estão a ser feitos.

Como foi a sua experiência de formação académica no Vaticano e em Roma?

Foi quando saí de Moçambique como seminarista e fui para o colégio chamado Urbano VIII, a Universidade Urbaniana de Roma, onde estudei durante cinco anos, no lugar onde Galileu foi condenado, no primeiro seminário do mundo. A minha ligação a Roma é extraordinária porque foi como, de repente, sair de Moçambique e

O grande problema não é o das religiões em conflito. Na minha opinião nunca estiveram em conflito, mas o que sempre houve foi o uso político, até por razões económicas, que se fez das religiões, utilizando-as para alcançar outros fins. O que estava na base das cruzadas, por exemplo, não era a crença religiosa, mas sim as necessidades de conquista de terras. E o discurso de hoje é exatamente igual.

cair no antigo império romano. Também foi no Vaticano que aprendi o essencial daquilo que é a filosofia e a teologia que se espalharam pelo mundo a partir daquele lugar. Foi uma experiência histórica interessante, conheci o Vaticano e o mundo da igreja de perto, bem como o mundo da cultura e da ligação entre o antigo e o moderno, porque Roma é essencialmente

isso do ponto de vista cultura, como o mundo antigo se vai metamorfoseando na modernidade em constante transformação. Depois estudei no colégio dos jesuítas onde fiz o mestrado em filosofia através de uma experiência extremamente rica. Quando terminei os estudos pediram-me para ser jornalista na Rádio Vaticano, mas não aceitei o convite, tendo-lhes apresentado um amigo da Guiné-Bissau, que hoje é um dos melhores jornalistas daquela estação de rádio. É também filósofo. Hoje, quando olho para aquele sujeito digo que eu nunca teria conseguido fazer um décimo daquilo que ele faz como jornalista. No entanto, tenho colaborado muito com a Rádio Vaticano, no programa "Porgues", com intervenções quase constantes, uma vez por semana ou uma vez por mês. Tenho esta ligação com a Igreja. A experiência de Roma ensinou-me a catolicidade, que significa universal. De certa maneira aprendi a ser africano em Roma. Vivía num colégio onde havia estudantes de todos países africanos do mundo, o que nunca tinha experimentado em Moçambique. Por isso digo que Roma ensinou-me a ser africano e a ser universal. Foi uma experiência insubstituível e impagável na minha vida e no meu percurso como pessoa e homem.

Como perspectiva a convivência das religiões nos mesmos espaços geoculturais à escala planetária?

Estamos num momento complicado em termos de convivência de crenças religiosas de "pantheons" axiológicos e as razões são múltiplas e históricas. O grande problema não é as religiões em conflito. Na minha opinião nunca estiveram em conflito, mas o que sempre houve foi o uso político, até por razões económicas, que se fez das religiões, utilizando-as para alcançar outros fins. O que estava na base das cruzadas, por exemplo, não era a crença religiosa, mas sim as necessidades de conquista de terras. E o discurso de hoje é exatamente igual. O poder político foi sempre manipulando as religiões por razões económicas e de hegemonia. Nenhum pai ensina a sua criança muçulmana a ser inimiga dos cristãos ou não se ensina um cristão a ser inimigo dos budistas. O que se faz é utilizarmos a religião para reivindicar outras coisas e espaços. O grande desafio das religiões é elas continuarem a criar espaços de pensamento dos indivíduos, de crenças e de transmissão de valores, tentando dissociá-las o máximo possível de outras formas de luta. Só assim podem ser úteis ao nosso mundo. A segunda coisa é que as religiões devem fazer uma separação clara dos movimentos políticos, de veleidades de dominação e de hegemonia e que elas continuem a fazer um discurso de paz e de fraternidade.



Severino Elias Ngoenha

IDADE

57

NATURALIDADE

Maputo (Moçambique)

HABILITAÇÕES ACADÉMICAS

- Graduado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma;
- Doutorado em Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma.

PERCURSO PROFISSIONAL

- Reitor da Universidade Técnica de Moçambique
- Integrou o Departamento de Filosofia da Universidade Pedagógica de Moçambique;
- Docente das disciplinas de Filosofia da Educação, Interculturalidade, Filosofia Africana e Filosofia Política.

ALGUMAS OBRAS PUBLICADAS

- Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica;
- Pensamento engajado;
- Duas Interpretações Filosóficas da História do Século XVII;
- Das Independências as Liberdades;
- A Longa Marcha de uma Educação para Todos em Moçambique;
- Os Tempos da Filosofia.

INTERESSES

Possui experiência em trabalhos de consultoria e estudos de Programas Curriculares de Ensino Superior, Filosofia Africana e Políticas de Educação.

Feira do Livro apostou na diversidade

Alunos, professores, funcionários e encarregados de educação da EPM-CELP partilharam, entre 21 e 24 de novembro, o gosto pela leitura e literatura com a exposição-venda de obras edição 2018 da Feira do Livro, organizada pela Biblioteca Escolar José Craveirinha (BEJC) da nossa Escola. O evento, que reuniu sete expositores, visou facilitar o acesso ao livro e incentivar o gosto pela leitura, como fonte do conhecimento, prazer e cidadania.

Passos lentos e olhares curiosos marcaram as primeiras horas do dia inaugural junto às mesas expositoras, abarrotadas de livros, entre eles clássicos da literatura e algumas incontornáveis referências. Livros para todos os gostos, bolsos e sonhos foram disponibilizados à comunidade educativa pelas editoras Conhecimento, EPM-CELP, Escolar Editora, Kapicua, Minerva, Science4You e Texto Editores/Leya a preços acessíveis.

As "prateleiras" da Feira do Livro da EPM-CELP ofereceram a oportunidade de apreciar uma grande diversidade literária, com destaque para "A primeira viagem de Vasco da Gama", "Viagem pelo mundo num gão de pólen", "O cavaleo e a borboleta", "O coração apaixonado do embondeiro" e "O pescador de estrelas", da série infantojuvenil do catálogo da EPM-CELP; "Poesia a gente inventa e dia brincado", "Os aman-



tes sem ninguém" e "Da égua que sorve a água pensando sorver a lua", da Coleção Acácias ou o "Pátio das Sombras" da Coleção Contos e Histórias de Moçambique, também da nossa Escola; "O Capuchinho Vermelho" e "A Cidade Secreta" da editora Presença e "A Água e a Águia", da Fundação Fernando Leite Couto, entre outras obras expostas.

A coordenadora da BEJC, Ana Paula Relvas, esclareceu, logo após a abertura da

Feira do Livro, que a sua organização visa oferecer à comunidade educativa uma grande variedade de obras de autores moçambicanos, portugueses e de outras nacionalidades, destacando o objetivo primário de facilitação do acesso aos livros e a conseqüente promoção do gosto pela leitura, afirmando desejar que "os alunos, acompanhados ou não, estejam cada vez mais perto dos livros e esta feira disponibiliza alguns a preços acessíveis".

Autores despertaram curiosidade criativa de alunos nas "Conversas à volta dos livros"

Atroca de livros entre amigos, a escrita constante enquanto processo de adaptação e aperfeiçoamento da técnica literária e a imaginação foram as recomendações que guiaram a iniciativa "Conversa à Volta dos Livros" no primeiro período do ano letivo 2018/2019. Por exemplo, a sessão de 8 de dezembro juntou alunos de vários anos de escolaridade e autores de livros infantojuvenis, como Margarida Abrantes, Rogério Manjate e Teresa Noronha, no primeiro turno, e Antero Ribeiro, no segundo, na Biblioteca Escolar José Craveirinha.

Na partilha de suas experiências como contadora de histórias, Margarida Abrantes descreveu o seu primeiro livro, "O Sonho da Menina", publicado pela EPM-CELP, como uma obra "para que as crianças aceitassem a perda de um brinquedo, de um ano letivo, de um amigo etc.". Rogério Manjate, por

seu turno, falou do processo criativo do seu livro "Wazi", também chancelado pela EPM-CELP e concebido com a intenção de resgatar contos e histórias de Moçambique: "ouvi o conto na rádio, quando era miúdo, quase da vossa idade, e cresci com essa vontade de escrevê-lo", confessou o autor, também professor de teatro. Teresa Noronha também apresentou o seu livro intitulado "A Viagem de Luna", que ganhou o primeiro prémio do Concurso Literário de Livro Infantil, promovido pela Alcance Editores em parceria com a Associação de Escritores Moçambicanos, confessou ter chegado a sua "vez de dar o mundo imaginário às minhas filhas". Os pequenos leitores do "8.ºD", que se juntaram em círculo na biblioteca, conhecerem a história dos três autores de livros infantojuvenis, quais os processos de escrita e criação pelos quais as suas publicações passaram e,

principalmente, quais as referências e experiências de vida os autores colocam nas suas obras.

O segundo turno da "Conversa à Volta dos Livros" foi conduzido pelo autor do livro recentemente lançado "Entrelaçados", Antero Ribeiro, juntando alunos do "12.ºC".

A última sessão do primeiro período letivo de "Conversa à Volta dos Livros", realizada a 13 de dezembro no anfiteatro ao ar livre, revelou-se especial por ter gerado um espaço de diálogo e espontaneidade entre os estudantes, que assumiram, a um só tempo, papéis de espetadores e atores da conversa. A sessão foi marcada exclusivamente por reflexões e partilhas em volta de livros marcantes e respetivos personagens. Os alunos apresentaram os seus livros preferidos ao longo do primeiro período deste ano letivo para inspiração e motivação de outros estudantes.



Novo livro da EPM-CELP reforça coleção “Contos e Histórias de Moçambique”

No seu primeiro trabalho literário em conjunto, intitulado “O João, a donzela e o monstro das doze cabeças”, lançado no dia 6 de dezembro último, no átrio central da EPM-CELP, o escritor moçambicano Benjamim Pedro João e a artista plástica Carmen Muianga resgataram contos, histórias e mitos da tradição oral da cultura moçambicana através das narrativas escrita e ilustrada, oferecendo-as ao público. A obra, com 34 páginas divididas em quatro capítulos, é o 11.º título da coleção “Contos e Histórias de Moçambique”, do catálogo de publicações da nossa Escola.

Apresentado pelo escritor, ator e professor de teatro Rogério Manjate, o livro infantojuvenil reúne três contos tradicionais corporizados num só, que ganha a sua própria trama. Como explicou Manjate, “quando comecei a ler as histórias senti que conhecia outras versões desses contos e em separado. Sentia, quase, a presença de três deles que ligam um todo: a história do rapaz que caça os bichos que dizem as machambas, a do invejoso que provoca a separação dos irmãos e, por fim, da donzela e o monstro das 12 cabeças”, afirmou o apresentador da nova publicação da EPM-CELP. Contextualizando, Manjate referiu que a história “engloba, por si, a oralidade – porque é essa a sua fonte – e

contextos inventivos a nível da linguagem e da estética”.

Rogério Manjate saudou, no decorrer da cerimónia de apresentação do livro, a EPM-CELP pela iniciativa editorial, aludindo que “num país como o nosso, toda a contribuição positiva como esta será sempre importante, pois, somos poucos, seremos sempre poucos para uma atividade tão grandiosa como a literatura, especialmente a dedicada aos mais jovens”. Noutra passagem da sua esclarecedora apresentação literária, na qual desconstruiu a relação entre a oralidade e a escrita recriadora, Manjate afirmou que a coleção “Contos e Histórias de Moçambique” oferece ao ambiente artístico-literário outras formas de valorizar a oralidade em Moçambique.

O autor Benjamim Pedro João explicou que a obra “O João, a donzela e o monstro das doze cabeças” encerra episódios que transmitem as experiências de partilha de momentos familiares, desabafos, desentendimentos, amor incondicional, conflitos sociais e intrigas secretas, confessando pensar que “se nós não recontamos as histórias que ouvimos contar na infância, quando éramos imberbes, elas morrerão connosco”. Na partilha de dificuldades que envolveram a efetivação da obra, Carmen Maria Muianga, coautora como ilustradora,

revelou que o grande desafio consistiu na interpretação da narrativa pois após ter garantido ao autor que conseguiria finalizar o trabalho de ilustração em dois meses, a artista só o conseguiu em seis meses, devido à complexidade e intertextualidade do conto.

Na cerimónia do lançamento do livro, a diretora da EPM-CELP, Dina Trigo de Mira, manifestou a sua satisfação com os resultados alcançados na área das publicações e incentivo à leitura e à escrita, vincando o compromisso de continuar a apoiar a literatura em Moçambique. Em declarações prestadas a “O Pátio”, Dina Trigo de Mira afirmou que “o importante é que as obras cheguem às crianças e jovens que não têm possibilidade de comprar livros com a qualidade do que acabámos agora de lançar. O nosso objetivo nesta coleção é o incentivo à leitura e à escrita”, prosseguiu a diretora da EPM-CELP, acrescentando que “um dos propósitos da instituição, no âmbito do acordo de cooperação, é a divulgação da língua portuguesa, que está em bom ritmo”. Para Dina Trigo de Mira, o reconhecimento e a escolha da editora EPM-CELP para a publicação dos seus livros, por parte de autores moçambicanos e professores, e a respetiva venda por diferentes editoras, “anima-nos e dá-nos fôlego para continuarmos esta missão”, concluiu a dirigente máxima da nossa Escola.

Crescer superando obstáculos

Nos meses de novembro e dezembro de 2018, várias equipas do Clube de Desporto Escolar da EPM-CELP, das modalidades de jogos pré-desportivos, basquetebol, futsal e badminton, somaram vitórias em diversas competições, fortalecendo e consolidando o crescimento do seu projeto desportivo.

PRÉ-DESPORTIVOS

Os primeiros dois torneios da modalidade de jogos pré-desportivos do ano letivo de 2018/2019, realizados no final de 2018, envolveram os alunos do primeiro ciclo do ensino básico, chamados a afinar a velocidade, precisão e espírito de equipa nos jogos “Limpar o Quarto”, “Planetas” e “Bola ao Fundo”.

No torneio do “Bola ao Fundo” o destaque foi para a equipa número sete, constituída por Leonor Dias, Malik Zacarias, Bruno Pinto, João Rodrigues e Nuno Costa, que obteve o primeiro lugar na competição. Para além destes alunos, participaram nos jogos 57 atletas, ou seja, quase todos os alunos inscritos nos Jogos Pré-Desportivos dos terceiro e quarto anos de escolaridade. No final dos torneios e depois de apuradas todas as classificações, os alunos receberam diplomas de participação.

BASQUETEBOL

Na modalidade da “bola ao cesto”, a equipa feminina da EPM-CELP de sub12 conquistou, no dia 3 de novembro, o primeiro lugar na competição interescolar no confronto direto com grupos da Escola Americana Internacional de Maputo (AISM) e de outras duas coletividades moçambicanas.

No quadro competitivo de nove jogos, no qual participaram também as formações femininas de sub14 e masculinas de sub12 e de sub14, a EPM-CELP mostrou melhorias significativas na prestação desportiva em campo em resultado da circulação ofensiva da bola de forma natural, de avanços posicionais eficientes e lançamentos com sucesso mais frequentes, tanto os de curta como os de longa distância.

Noutra competição, a 19 de novembro passado, a nossa equipa de sub16 garantiu o segundo lugar no torneio de basquetebol realizado pela AISM, durante o fim-de-semana. Após três vitórias consecutivas e uma derrota pela margem mínima na fase regular, disputada por cinco equipas, a nossa Escola discutiu a final da competição frente à Escola Secundária de Lhanguene, vencedora por 38-16.

Foram convincentes as duas primeiras vitórias da EPM-CELP, ganhando por 24-11 à AISJ e por 21-13 à AISM, mas “suando” um



pouco mais no triunfo, por 24-21, perante a Escola Secundária Estrela Vermelha. No último desafio desta fase, antes da final, a nossa Escola impôs um grande equilíbrio ao adversário com quem discutiu, até ao último segundo, a sorte do jogo que pendeu para a Escola Secundária de Lhanguene, vitoriosa por apenas um ponto (28-27).

Na final, a escola de Lhanguene surpreendeu com a integração de um novo jogador que marcou a diferença, pela sua qualidade desportiva e frescura física por não ter participado nos quatro jogos anteriores, criando problemas inesperados à nossa Escola, que cedeu perante o poderio do adversário e o cansaço que envolveu os nossos jogadores.

O segundo lugar e a forma generosa e empenhada como a nossa equipa se bateu no torneio da “americana” demonstrou a sua crescente maturidade individual e coletiva no desempenho desportivo em representação da EPM-CELP.

FUTSAL

Em futsal, as equipas masculinas de sub12 da EPM-CELP defrontaram, no dia 10 de novembro, a Liga Desportiva de Maputo (LDM) num jogo amigável em homenagem a Esmail Jassat, considerado “o pai” da modalidade em Moçambique. No pavilhão da LDM, os “epmianos” foram colocados à prova num jogo bastante exigente e equilibrado, com a LDM a pressionar forte no início da partida perante a defesa aguerrida e contra-ataques da EPM-CELP, que acabou derrotada por 2-3. Refira-se que o jogo começou com alguma pressão por parte da LDM, equilibrado, ao longo do tempo, pelos atletas da EPM-CELP, numa curta margem de reviravolta.

Numa outra partida, a 17 de novembro, a mesma equipa mediou forças com as formações congéneres da Liga Muçulmana de Maputo e da Comunidade Hindu, respetivamente, em encontro-convívio caracterizado pelo permanente espírito de *fair-play*.

A EPM-CELP esteve representada por 21 atletas, distribuídos pelas duas equipas que permitiram, em todos os jogos, uma ligeira vantagem aos conjuntos da Liga Muçulmana de Maputo.

Os “epmianos”, sempre aguerridos, fizeram das adversidades competitivas motivos para superação do esforço individual e coletivo, terminando os desafios com demonstrações de satisfação e alegria.

BADMINTON

Na competição de badminton, o primeiro deste núcleo no ano letivo 2018/2019, frente à Comunidade Hindu, a EPM-CELP apresentou-se com uma delegação de 30 atletas dos segundo e terceiro ciclos do ensino básico, integrados nos escalões sub12 e sub14 de ambos os sexos.

Apuraram-se os seguintes resultados:
Sub14 (masc) – 1.º Guilherme Rasteiro (EPM-CELP), 2.º Tiago Silva (EPM-CELP), 3.º Rajveer Fofandi (Comunidade Hindu);
Sub14 e Sub12 avançado (fem) – 1.º Rita Costa (EPM-CELP), 2.º Gabriela Campos (EPM-CELP), 3.º Carolina Barroso (EPM-CELP);
Grupo Iniciação (fem) – 1.º Ana Domingues (EPM-CELP), 2.º Iane Mosca (EPM-CELP), 3.º Dara Karimo (EPM-CELP).

Registe-se o forte e entusiasmado empenho dos nossos alunos neste momento competitivo, para o qual contribuíram muito na organização dos aspetos logísticos, a par de uma atitude desportiva exemplar na competição.



Recital “reinventa” guitarra portuguesa

O recital de guitarras, apresentado pelos professores de música e guitarristas portugueses Artur Caldeira e Daniel Paredes, contagiou o público amante do clássico e “nostalgizou” vários espetadores com temas consagrados da música portuguesa associados a Carlos Paredes, Raúl Nery ou Luís Goes, entre outros, reinventados pela dupla de instrumentistas convidados.

O concerto, realizado a 9 de novembro, no Auditório Carlos Paredes da EPM-CELP, foi essencialmente dedicado à música portuguesa, alternando as guitarras clássica e portuguesa no resgate de temas dos anos 60 a 80. Em cerca de 30 minutos de “guitarradas” conhecidas, Artur Caldeira e Daniel Paredes reinventaram ritmos, revelando virtuosismo e as diferentes faces

da guitarra lusitana, indo do lirismo melódico de Raúl Nery às musicalidades brilhantes de Luís Goes e desaguando no romântico do, provavelmente, o maior intérprete da guitarra portuguesa, Carlos Paredes, que dá o nome ao nosso auditório.

De acordo com Artur Caldeira, tecnicamente estivemos perante um recital de arranjos musicais que espelharam a cultura portuguesa, embora estivesse presente o timbre do clássico. Sobre o concerto, o também professor da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto avançou que “ficámos muito admirados com a qualidade da Escola, com as instalações, com o ambiente, com o silêncio que as crianças fazem a assistir pois é muito importante elas perceberem quando é que devem fazer silêncio para ouvir e apreciar

a música”, declarou, confessando ter percebido que na EPM-CELP “há um clima adequado para a aprendizagem artística”.

No mesmo palco, antes da atuação da dupla de convidados, cinco alunos da nossa Escola, acompanhados pelo professor de guitarra clássica, Queiróz Júlia, mostraram os seus talentos na viola, interpretando temas como o “Hino à Alegria” a partir do poema escrito por Friedrich Schiller, em 1785, e cantado no quarto movimento da nona sinfonia de Ludwig van Beethoven. Avaliando a desempenho dos alunos, Queiróz Júlia afirmou que o intercâmbio vai motivar cada vez mais os estudantes, uma vez que, presencialmente, puderam ver artistas renomados a executarem os instrumentos que eles estão a aprender.

“La Luna” encantou turmas de “espanhol”

O Auditório Carlos Paredes da EPM-CELP acolheu, no passado 8 de novembro, um espetáculo de dramatização de contos narrados, bailados e harmonizados através de vários instrumentos musicais, numa iniciativa que envolveu as disciplinas de Teatro e de Educação Musical sob impulso da de Espanhol. Protagonizado pela “La Luna, companhia de cuentos” da Argentina, a exibição, que agregou diversas técnicas artístico-culturais, dirigiu-se a alunos dos sétimo e oitavo do ensino básico.

Enquanto Fernanda Gomez encantava a plateia com teatralizações que inspiraram a criatividade oral, sequenciada por um bailado, Erika Brandauer acompanhava ritmicamente as narrações através do clarinete, guitarra, batoque e outros instrumentos. Do repertório, fez parte o texto “Boca Serrada”, segundo as contadoras de histórias, o mais sugestivo no campo da motivação. “Trata-

se da história de um menino que, de repente, parou de falar. Perante a situação, vendo o dono num silêncio preocupante, o seu gato também deixa de miar e, consequentemente, a casa deixa de abrir as suas janelas, as plantas murcham e o sol pára de brilhar. Nisso, só a lua continua na mesma e envia uma mensagem da mãe do rapaz em forma de sonho para o motivar, tendo, no dia seguinte, voltado a falar e contar várias histórias aos amigos”, explicou Fernanda Gomez.

De acordo com Uriel Guerra, professor de Espanhol na EPM-CELP, esta iniciativa enquadra-se nas atividades interdisciplinares e tem como objetivos a difusão de aspetos culturais característicos da cultura do país em estudo e identificar especificidades geográficas e culturais do mundo hispano-americano.

“La Luna, compañía de cuentos”, de origem Argentina, foi criada por Fernanda



Gomez e Erika Brandauer e nasceu da intenção de unir duas linguagens: a música e a narração oral. Uma narradora e a outra artista de instrumentos convencionais e não convencionais desenvolvem arte com humor, recorrendo a contos de tradição oral e a diferentes autores, ao ritmo de estilos musicais como milonga, cumbia e bolero.

Filme “Papel de Natal” estimulou consciência ecológica em tempo de consumismo

A equipe do Plano Nacional de Cinema (PNC) da EPM-CELP fez exhibir, no dia 12 de dezembro, no Auditório Carlos Paredes, o filme “Papel de Natal”, de José Miguel Ribeiro, que estimula a conscientização ecológica, sobretudo, em tempo de consumismo. A curta-metragem, focada em temas como a proteção do meio ambiente, a devastação da floresta, o consumismo e as alternativas possíveis para um mundo melhor, foi projetada para uma plateia composta por alunos do terceiro ano do ensino básico.

A obra cinematográfica procura debater alternativas que partem do significado do Natal e das prendas que à efeméride estão associadas. Esta linha de orientação foi o ponto de partida para ouvir o público, que participou de forma crítica e surpreendentemente fundamentada, revelando-se interventivo e capaz de apresentar alternativas “ao monstro” da poluição. O debate ascendeu à possibilidade de oferecer, durante o Natal, tempo, carinho, amor e até mesmo ideias. A sessão encerrou com a abertura de espaço de interação entre o palco e a plateia, incluindo a construção de bolas de sabão a partir de material reciclável, que, além de ser ecológico, permite criar brincadeiras e o exercício de imaginar um mundo sem lixo.

De acordo com a sinopse publicada pela Fnac, empresa distribuidora de diverso



material, entre o qual vídeos, “Papel de Natal” é um filme de causas, é um grito de alerta para a importância da defesa das florestas e do desenvolvimento de uma consciência ecológica desde a infância”, ao mesmo tempo que, com reconhecimento internacional e uma estética original e invulgar, “combina imagens reais com cinema de animação, em volume, e tem como pano de fundo a devastação de uma floresta de papel, no mundo da fantasia, à medida que

os humanos se desleixam na reciclagem, no mundo real”, lê-se na página oficial daquela empresa.

Refira-se que na nossa Escola, em termos curriculares, o tema da poluição e ecologia tem sido abordado entre os estudantes do primeiro ciclo do ensino básico, mobilizando-os para diversas atividades, tendo o “Papel de Natal” sugerido uma que recorreu à ilustração cinematográfica para fomentar aprendizagens lúdicas.

O suspense e a inspiração de “Coco”

Suspense, alguma angústia, inspirações e cumplicidade foram os sentimentos presentes na tarde de 1 de novembro de 2018 no Auditório Carlos Paredes, onde alunos de quatro turmas com disciplina de Espanhol (7.ºE, 7.ºF, 8.ºE e 9.ºE) da EPM-CELP reuniram-se para, entre várias atividades, assistir ao filme de animação “Coco”, exibido no âmbito do Dia dos Mortos, assinalado entre 31 de outubro e 2 de novembro. Frente a uma tela gigante, estudantes e professores testemunharam outros hábitos e culturas, promovendo não só as aprendizagens inerentes ao programa de espanhol, mas incentivando métodos de pesquisa, espírito crítico e criativo.

De acordo com Uriel Guerra, professor de Espanhol na EPM-CELP, a iniciativa conjugou as disciplinas de Educação Tecnológica, Educação Visual e Educação para



a Cidadania, bem como envolveu o Plano Nacional de Cinema, tendo como objetivo o estudo e difusão das culturas dos países falantes da língua espanhola. Pretendeu-se, também, “criar e incentivar hábitos de pesquisa, desenvolver competências de comunicação oral e de compreensão, interação

e produção de conteúdos”, acrescentou Uriel Guerra.

A atividade incluiu uma exposição de painéis no Pátio das Laranjeiras e o debate coletivo em torno do filme. A análise das bandas desenhadas e de fontes variadas para a contextualização do tema “Dia dos Mortos” e a realização de máscaras com materiais reciclados ficaram a cargo das turmas “E” e “F” do sétimo ano, a elaboração do cartaz da atividade e a criação da decoração alusiva ao Dia dos Mortos pertenceu à turma “E” do oitavo ano, e a apresentação, visualização e análise do filme “Coco”, da “Walt Disney Pictures Pixar Animation”, ao “9.ºE”.

Segundo a sinopse do filme, “Coco” conta a história de um garoto de 12 anos, chamado Miguel Rivera, que, acidentalmente, é transportado para o mundo dos mortos, onde procura o regresso a casa e à família com a ajuda do seu tataravô músico.



“Vamos fazer amor?”

Redescobrir significados do amor

O que é o amor? Como se ama num mundo tão complexo? A dificuldade em perceber o sentimento, a atração físico-sentimental, a mistura de sensações provocadas pela adrenalina, dopamina e serotonina, entre outras substâncias, motivou a equipa do Plano Nacional de Cinema (PNC) da nossa Escola, em coordenação com o departamento de Ciências Exatas e Experimentais, a realizar, no Auditório Carlos Paredes, um debate intitulado “Vamos Fazer Amor? – (Re)significados”. O evento, que contou com a presença e intervenção de alunos e professores do nono ano do ensino básico e do autor do filme “I Love You”, Rogério Manjate, visou, num plano transdisciplinar, pensar e repensar o afeto entre os seres humanos.

A sessão, realizada no dia 11 de dezembro, abordou a temática sob vários prismas, sequenciando uma dramatização, a visualização e análise da fotografia “A luta continua” de Mauro Pinto e as exposições e análises dos filmes “A Bola” e “I Love You”, de Orlando Mesquita e Rogério Manjate, respetivamente, procurando desconstruir os significados do amor, muitas vezes inflexíveis, nas várias áreas do saber humano.

Após o visionamento dos filmes, os alunos envolveram-se na descoberta das mensagens dos mesmos, sobretudo na identificação de semelhanças nas definições do conceito Amor presentes nas películas. Seguiu-se um debate com a presença de Rogério Manjate de quem os alunos quiseram saber qual a ideia de amor presente na sua curta-metragem “I Love You”, distinguida como a melhor em 2009, no Festival de Cinema Africano, em Tarifa (Espanha) e em 2008, no Edimburgo African Film Festival e no Festival Internacional de Cinema de Durban (África do Sul). Perante a insistência dos alunos, o também escritor, ator, encenador profissional de teatro, contador de histórias e professor confessou que o filme “I Love You” é uma revisitação às suas memórias de infância no seu bairro, acrescentando que o personagem “Madala” representa a figura de uma criança que, confessou, podia ser ele próprio.

Sequencialmente, o debate abriu espaço para reflexões em torno do sentimento de amor nos humanos sob ponto de vista científico, passando pela questão da violência no namoro e pela importância do amor próprio e da autoestima.

A sessão terminou com os alunos a registarem no papel as suas ideias, preocupações e dúvidas não expostas publicamente no debate, as quais foram colocadas numa caixa para exploração posterior dos seus conteúdos noutros contextos de aprendizagem. A sessão prosseguiu com um momento de abraços entre as dinamizadoras que representavam as diferentes áreas conceptuais do debate, como forma de sintetizar as temáticas tratadas e de fazer sentir a necessidade da flexibilidade intelectual face a um objeto de estudo comum, um gesto extensivo a todo o auditório, a pedido dos alunos.

A equipa do PNC da EPM-CELP pretende, com o conceito de “open doors” adotado para o corrente ano letivo, consciencializar os alunos para a importância e valor dos saberes transdisciplinares e integradores, que agregam várias dimensões artístico-culturais. Por exemplo, o cinema pode permitir o conhecimento de nós próprios e da nossa cultura, através da identificação de uma causa ou personagem, e também a compreensão do outro e de outras culturas, o que é essencial para desfazer sentimentos de intolerância e preconceitos, ainda muito presentes no nosso quotidiano.

Artista João Roxo deu “conferência de imprensa” a alunos de “História de Arte”



O grupo de alunos da disciplina de História de Cultura e das Artes da EPM-CELP concluiu, no dia 14 de novembro, o conjunto de aulas práticas em torno da exposição “Objectos em Trânsito”, dissipando dúvidas sobre o processo de inspiração, intenção, criação e contextualização da obra, bem como os desafios que o autor, João Roxo, encontrou para a sua efetivação. O encontro, que colocou os estudantes na posição de entrevistadores e o artista como principal fonte, em formato de conferência de imprensa, ocorreu na nossa Escola e contou com a colaboração do Núcleo de Informação e Comunicação (NIC).

Inserida nas aulas práticas de contextualização sobre a realidade moçambicana, a visita à exposição “Objetos em Trânsito”, realizada no passado dia 31 de outubro no Camões – Centro Cultural Português em Maputo, onde os alunos descortinaram as mensagens implícitas num embrulho de roupa usada, em vários jornais escritos sob

signo da contestação e outros objetos, bem como questionaram o valor conferido à arte pela sociedade, tanto pelo criador de obras como pelo público fruidor.

Após a apreciação das obras e a problematização do tema da aula “A criação artística: divulgação e consumo”, ontem os alunos colocaram ao artista questões relacionadas com o processo de criação, desde a colocação do panfleto da exposição, passando pelos temas dos debates realizados no decorrer da mostra, bem como da contextualização para permitir a simplicidade na comunicação e a interação criador-público, tendo em conta que as obras foram expostas primeiramente em Amesterdão. Em resposta, João Roxo assumiu ter havido uma diferença recetiva e crítica entre o espetador do hemisfério norte e o do hemisfério sul devido, em parte, à sensibilidade e posição próprias de cada latitude cultural. Por exemplo, a exposição reflete uma visão de “burla” na doação de roupas das “calamidades” que é comum aos países doadores e doados, distorcendo, a jusante e a montante, a genuinidade dos sentimentos e emoções das pessoas que dão e das que deveriam receber as referidas roupas.

Distintas questões de caráter técnico colocadas na “conferência de imprensa” cingiram-se a interpretações do valor da arte dentro e fora das galerias, da criação e da escolha de artigos jornalísticos montados em jornais que sustentaram a visão da exposição de João Roxo. Este, respondendo, argumenta que “uma das questões que me colocaram durante a exposição foi a falta de enquadramento para cada uma das peças, uma vez que a interpretação do público era oposta à minha intenção como autor. A mim isso não me faz confusão, porque sinto que, quando vais a uma galeria,

tens duas opções: apreciar uma obra com uma justificação integral da intenção do artista ou a mesma estar desprovida de qualquer fundamentação”.

Sobre a conceção dos jornais repletos de artigos com caráter contestatório e que abrem espaço para críticas e reflexões sobre a história e as doações em África, João Roxo explicou que alguns logótipos são reais e, visualmente, surgem da comunicação informal que se assiste no mundo, particularmente em Moçambique. “O que define a nossa identidade não é o que está ao nosso alcance. No fim andamos todos pela cidade e somos influenciados pelo que vemos. Por exemplo, os folhetos que estão colocados nos postes da cidade, os que nos são distribuídos nas ruas ou os painéis que vemos nas lojas, todos eles, ou na sua maioria, são feitos por pessoas que não têm uma formação de designer”, defendeu o artista, embora, às vezes, acrescentou, “sejam eficazes na mensagem”.

João Roxo, esperançado quanto à quebra de paradigmas segundo os quais a arte é para os intelectuais e pseudointelectuais, quer colocar as suas obras em trânsito nas zonas suburbanas de Maputo, indo ao encontro, assim, dos que também delas precisam. “Estou interessado em transitar a exposição daquele contexto de galeria para um outro local, não institucional. Acho que o próximo passo é sair do centro para a periferia”, revelou João Roxo.

“Objectos em Trânsito” resulta do trabalho desenvolvido pelo artista e designer João Roxo no âmbito do mestrado que realizou no Departamento de Design do Sandberg Instituut, em Amesterdão, o qual foi adaptado à galeria do Camões - Centro Cultural Português em Maputo.

João Roxo frequentou a EPM-CELP no início da década de 2000.



Do livro ao palco: alunos dramatizaram "Último Grimm" de Álvaro Magalhães

Alunos da turma C do oitavo ano da opção de teatro do ensino básico da EPM-CELP levaram ao palco do Auditório Carlos Paredes, no dia 12 de dezembro, uma dramatização inspirada no livro "O Último Grimm", do escritor português Álvaro Magalhães. O exercício, criado em contexto de sala de aula com orientação do professor de teatro Rogério Manjate, baseou-se na apropriação técnica e afetiva de excertos da referida obra, estudada integralmente na disciplina de Português com a professora Sandra Cosme, durante o primeiro período escolar do corrente ano letivo.

No desenvolvimento do trabalho criativo, os alunos selecionaram as passagens preferidas do livro e recriaram-nas para a apresentação dramática. Do outro lado, na plateia, o público foi surpreendido pela dinâmica e originalidade dos personagens Princesa Eritreia, o Gato da Botas – sem botas –, a Rainha de Copas, o "abrupto" Ciclope e, naturalmente, William Grimm, "aquele que vê", desdobrado em múltiplos atores que encarnaram o protagonista da obra.

O fim da história, tal como no livro, ficou em aberto e deixou o público curioso, à espera do seu epílogo. De acordo com Sandra Cosme, o ator e professor de teatro Rogério Manjate e os alunos do "8.º C" lograram no palco momentos de qualidade única e construir um espetáculo "que resul-



tu, de forma muito criativa, na apresentação de um corpo orgânico, coerente e envolvente, com muito ritmo e muita vida, que prendeu e surpreendeu a plateia".

No fim do evento, numa sessão de perguntas e respostas, alunos do sétimo ano que também estudaram a obra de Álvaro Magalhães e técnicas teatrais, apresenta-

ram questões e esclareceram dúvidas sobre a construção da peça dramática acabada de ser representada. Foi visível o encanto de todos e o desejo de ler o livro, bem como de fazer teatro.

Como prometido à plateia, o trabalho de dramatização terá a sua continuidade durante a "Semana da Leitura", em 2019.

Escrita criativa cativou professores moçambicanos

Vinte professores de escolas moçambicanas integradas no projeto "Mabuko Ya Hina" participaram, entre os dias 5 e 6 de dezembro passado, na ação de formação "Workshop de Escrita Criativa – Leituras e Escritos em Sala de Aula", dinamizada pelo Centro de Formação da EPM-CELP. De acordo com a formadora Estela Pinheiro, a iniciativa visou sensibilizar os formandos para a importância da leitura e da escrita nas escolas e partilhar experiências associadas à sua promoção técnico-didática em contexto de sala de aula, segundo a metodologia de trabalhos individuais, em grupo e em plenário.

Olívia Guambe, professora de Português na Escola Primária Completa 12 de Outubro (EPC 12 de Outubro), avaliou positivamente a ação de formação porque "trouxe vivências práticas de aprendizagens em sala de aula que podemos implementar para melhorar a leitura e a escrita nas crianças das nossas escolas", referiu a docente, para quem "a busca do conhecimento por parte do próprio aluno e nossa inspiração para ele criar textos a partir de episódios diários deve ser a base de todo o processo de ensino e aprendizagem", concluiu.

Por sua vez, Reginaldo Nhambe, igualmente professor da EPC 12 de Outubro, afirmou que "deu para adquirir mais conhecimentos concernentes ao processo de ensino-aprendizagem, mais estratégias técnicas de como trabalhar com as crianças, tendo em conta o número de alunos que compõem uma turma nas escolas moçambicanas", garantindo que, depois da formação, terá "mais sucesso na leitura e a escrita em sala de aula". Dentre as várias técnicas enriquecedoras do processo criativo, Reginaldo Nhambe confessa que ficou mais motivado para o trabalho coletivo, afirmando ser "sempre bom trabalhar em equipa, tanto é que é preciso respeitar o mundo das crianças e, nele, explorar vantagens que partem da colocação de exercícios em grupos, nos quais conseguem partilhar as suas ideias com os outros".

Os 20 professores enfrentaram desafios de resolução de exercícios despertadores da sua atenção e criatividade, o que conferiu carácter experimental às aulas. Esta metodologia inspira uma consciência criativa nos formandos perante episódios do quotidiano que, em contexto de sala, poderão transmitir aos seus alunos, estimulando a escrita criativa.

Lei do Sistema Nacional de Educação redefiniu escolaridade obrigatória

A Assembleia da República de Moçambique aprovou, no passado dia 1 de novembro de 2018, a proposta da revisão da Lei do Sistema Nacional de Educação (SNE), que, a partir do ano letivo de 2019, estabelece a nona classe como escolaridade obrigatória e a redução do ensino primário de sete para seis classes.

De entre outras mudanças, a nova lei estabelece que o SNE passa a ser constituído por seis subsistemas: Educação Pré-Escolar, Educação Geral, Educação de Adultos, Educação Profissional, Formação de Professores e Ensino Superior. A nova lei, que mantém a gratuidade do ensino primário e a obrigatoriedade de ingresso na primeira classe de crianças que completem seis anos de idade até 30 de junho de cada ano letivo, altera a disposição de 1992 segundo a qual a sétima classe era a escolaridade mínima obrigatória.

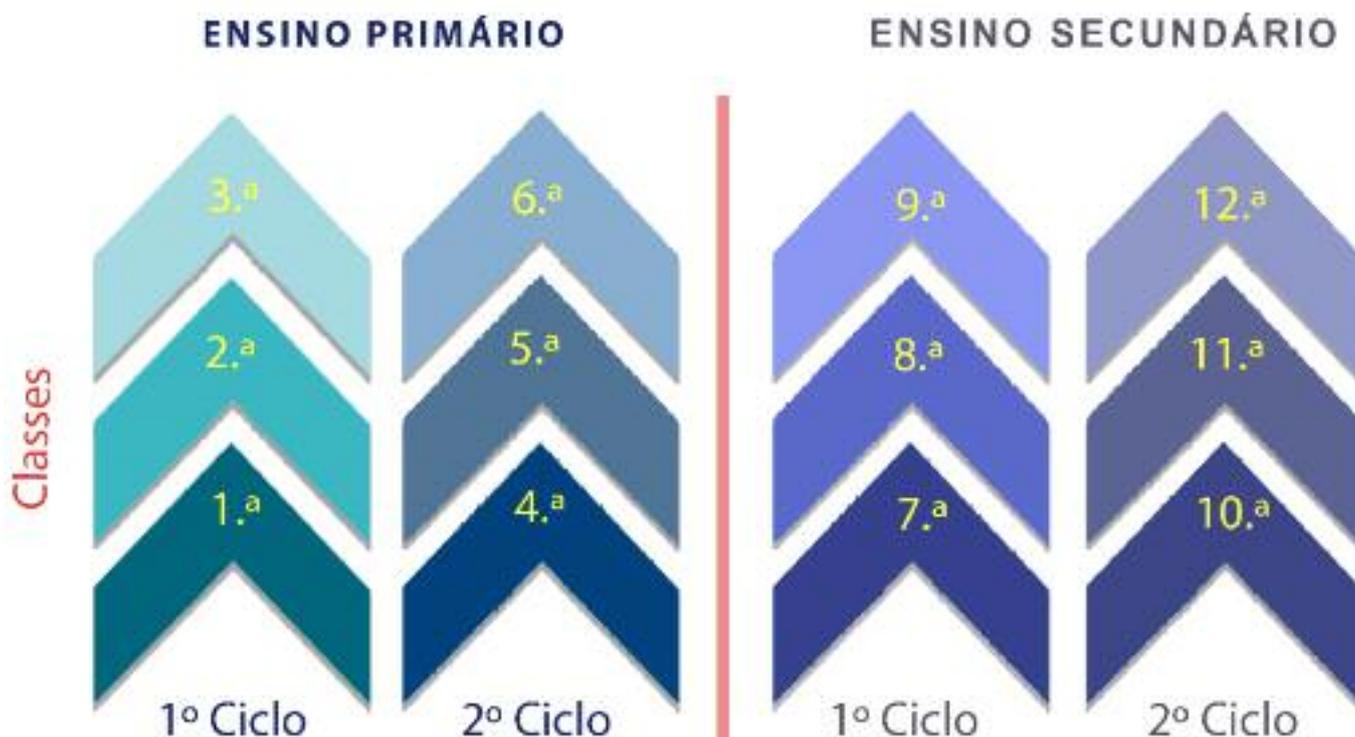
A revisão da lei do Sistema Nacional de Educação, segundo dados do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, surgiu da necessidade de harmonizar a Lei do SNE com as convenções internacionais sobre a educação de que o país é subscritor, preconizando um ensino básico de nove ou 10 classes que está consagrado no protocolo da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) sobre o ensino.



Outro objetivo da alteração da lei 6/92, de 6 de maio, é o de “promover um Sistema Educativo inclusivo, eficaz e eficiente que garanta a aquisição das competências requeridas ao nível de conhecimento, habilidades e atitudes que respondam às necessidades de desenvolvimento humano” e, conseqüentemente, formar o “cidadão à altura dos desafios do século XXI”. Esta missão altera a anterior que se regia pela “criação do Homem Novo, construtor da Pátria Socialista, onde

cada um dá o melhor do seu trabalho e onde cada um encontra a sua realidade e afirmação pessoal”.

Sobre a efetivação do ensino pré-escolar em escolas públicas do país, o MINEDH afirma que, embora se reconheça a sua importância na preparação de crianças para o ensino primário, bem como para classes subsequentes, a frequência neste subsistema deve continuar facultativa, pois não tem fundos para o tornar acessível a todos os moçambicanos.

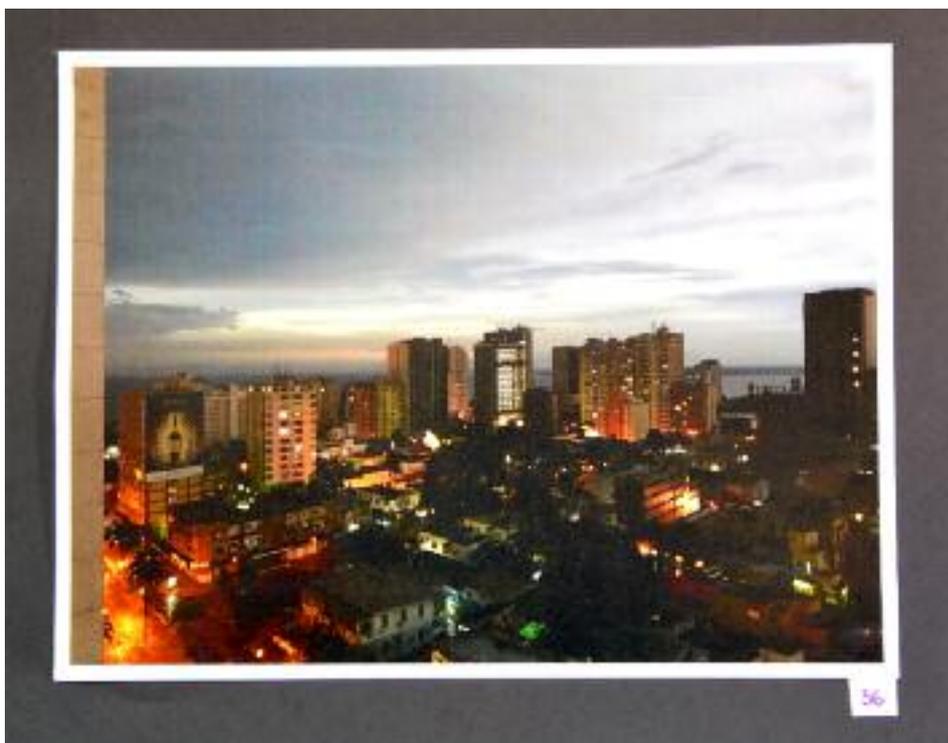


Concurso de fotografia homenageou Maputo

Alusivo ao 131.º aniversário da Cidade de Maputo, que se comemorou no passado dia 10 de novembro, os grupos disciplinares de Artes Visuais, de História e de Geografia da Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP) promoveram um concurso de fotografia sobre a urbe. A competição fotográfica, subordinada ao tema “Paisagens humanas e arquitetónicas da cidade de Maputo”, foi dirigida aos alunos do terceiro ciclo do ensino básico e do ensino secundário.

Dentre os concorrentes, conquistaram os três lugares do pódio os alunos Mohamed Rasac, do “9.º A”, em primeiro lugar, Francisco Marques (9.º A), em segundo, e Tatu Machatine, do “10.º C”, na terceira posição. A adequação ao tema do concurso, a originalidade do trabalho, a criatividade e as qualidades estética e técnica foram

os principais critérios para avaliação dos trabalhos por parte do júri da prova, composto por um membro da Direção da nossa Escola, um professor-coordenador pedagógico e um elemento em representação dos grupos disciplinares de Educação Visual e Tecnológica e de Artes Visuais.



“Família EPM” celebrou Natal em fraternidade e amizade



Contrato de utilização do telemóvel



DIREITOS RESERVADOS



Alexandra Melo *

As mais recentes gerações de pais devem preocupar-se com a gestão dos novos interesses dos filhos que, sem qualquer dúvida, se centram no mundo da eletrónica. O que para gerações anteriores de pais e filhos era inexistente, hoje parece ser oxigénio; novos brinquedos, novos meios de comunicação, novas formas de relacionamento, devem ser aprendidos por quem tem a preocupação de bem educar já que, à distância de um clic, permitem às crianças entrar num mundo sobre o qual não têm controlo, podendo tornar-se um verdadeiro caos.

A Fundación ANAR – Fundação que nasce em Espanha em 1970 e se dedica à promoção e defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes em situações de risco, fazendo valer a Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas, cria um Contrato para pais e filhos utilizadores de telemóvel. Pela sua pertinência, julgámos por bem transcrevê-lo quase na sua totalidade (tradução da autora a partir de www.anar.org).

“Pelo presente contrato nós, os teus pais ou tutores legais, queremos entregar-te o teu primeiro telemóvel e em troca pedir-te que faças um bom uso dele. Para isso vamos ler juntos as seguintes cláusulas e se estivermos de acordo vamos assiná-lo para nos comprometermos a aplicá-las:

1. O uso do telemóvel para as crianças não é privado: pais/mães/tutores legais somos responsáveis perante a lei de como o utilizares, portanto, temos que ter acesso às tuas *passwords* e à informação do uso que fazes dele.

2. Descarregaremos um sistema de controlo parental para nos assegurarmos que, por lapso, não entraste em alguma página que te seja prejudicial ou que estás contactando com pessoas que te possam fazer mal.

3. Conta connosco se tiveres um problema: utilizarás o telefone de forma responsável. Não

se trata de um jogo, é algo sério que implica responsabilidade. Se alguma vez te meteres em confusões ou tiveres algum problema deves contar-nos e juntos encontraremos uma solução. Se fazes algo arriscado com consequências legais, nós também podemos ser responsáveis pelos teus atos.(...)

4. Terás horários definidos para usares o telemóvel, já que pode ser muito aditivo e não queremos que interfira no teu descanso, nem nos teus estudos, nem que deixes de te relacionar com outras pessoas. (...) Escrever aqui os dias de uso e o horário concreto:

5. Não poderás levar o telefone para a Escola. Se precisas de o levar, terás primeiro que pedir autorização. Nessa situação sempre respeitarás as regras da Escola. (...)

6. Não poderás fazer *download* de nada sem antes nos consultares. (...) informar-nos-emos, em conjunto, que aplicações, jogos e redes sociais são as mais adequadas para ti (...) para evitar riscos/perigos.

7. Se fazes um mau uso de um telefone que implique custos financeiros, terás que te responsabilizar por ele. Iremos descontar-te na tua mesada ou terás que realizar alguma tarefa. Não faças compras na internet sem nos consultares nem te metas em publicidade que apareça nas diversas páginas. Não reveles dados pessoais sem a nossa supervisão. Não dês informações pessoais sem a nossa supervisão. Poderás ser vítima de um *phishing* ou poderiam roubar-te as contas.

8. O telemóvel não substitui as relações pessoais. É importante cuidares das amizades pessoalmente; queremos que passes tempo com os teus amigos sem o telemóvel no meio. (...)

9. Vamos informar-nos juntos dos riscos que enfrentamos com o uso do telemóvel: o *sexting*, o *grooming*, as adições ao telemóvel, etc. Vamos conhecê-los e aprender a combatê-los e como evitá-los, e o que podemos fazer se algo acontecer. (...)

10. Precisamos que compreendas que dares os teus dados pessoais ou de algum membro da tua família pode pôr-nos a todos em risco. Por isso não darás Informação pessoal a ninguém. Isto significa que não dirás o teu nome, o teu número de telefone, onde vivemos, onde estudas, onde estás, os horários, nem quando vamos de férias (...). Alguém poderia utilizar essa informação para nos prejudicar.

11. Tens que ter cuidado com as fotos que publicas nas redes sociais ou compartilhas através do telemóvel. A informação que melhor nos identifica é a nossa cara. (...) Tão pouco publiques fotos de outras pessoas sem a sua autorização. Perdemos o controlo de tudo quanto partilhámos com os outros ou publicamos nas redes.

12. Ainda que hoje confies muito em alguém não lhe mandes fotos íntimas. (...) Não sabes o que pode acontecer no futuro. Essas fotos podem acabar nas mãos de outras pessoas que podem chegar a magoar-te muito.

13. Se alguém te enviar uma foto íntima não a partilhares com ninguém (pode ser um delíto). Se se trata de um adulto ou alguém que te está a fazer mal, deves informar-nos para podermos ajudar-te.

14. Não utilizarás o telefone para prejudicar alguém. Não insultarás ninguém, nem difundirás imagens ou comentários ofensivos, nem participarás onde o façam a outros. Se vês que estão a assediar, excluir ou abusar de alguém, vais informar-nos para ajudarmos essa pessoa. Lembra-te de não fazeres nada que não farias pessoalmente ou que não gostarias que te fizessem a ti.

15. Se alguém te faz sentir mal, te insulta, te ameaça, te pede fotos que te comprometam ou informação pessoal, (...), se sentes medo, **DESCONFIA E AVISA-NOS** rapidamente, bloqueando a pessoa mas **NÃO** eliminando as conversas porque são provas.

16. Não incluas nas tuas redes sociais ninguém que não conheças pessoalmente. Não fiques com alguém que não conheces pessoalmente, pode não ser quem diz ser. Por internet é muito fácil enganarem-nos. (...)

17. Se te telefonarmos para o telemóvel, atende!, precisamos saber que estás bem.

18. Deves saber que, se não cumpres as normas, teremos que te tirar o telefone durante algum tempo até que possas demonstrar que te é possível fazer um uso responsável. Dependendo desse uso, iremos aumentar ou reduzir os teus privilégios, adaptando as normas.

19. Comprometemo-nos a dialogar sobre dúvidas que tenhas e sobre aquilo com que não estás de acordo.”

* Psicóloga do SPO da EPM-CELP

Começar o novo ano de forma solidária



Soraia Abdula
Vice-presidente da APEE
da EPM-CELP

Iniciar um novo ano é, para muitos de nós, sinónimo de traçar novos planos e objectivos. Enchemos o peito de esperanças renovadas e sentimo-nos com energia para enfrentar os desafios de mais uma volta em torno do sol.

Na APEE acreditamos que devemos aproveitar toda esta motivação para sermos mais solidários, como uma boa prática que irá fazer com que os nossos filhos e educandos sejam cidadãos melhores, mais responsáveis e mais conscientes.

É claro que a Solidariedade deve ser praticada nos pequenos gestos do dia-a-dia, mas uma boa forma de ensinar as nossas crianças e jovens sobre este importante valor é a prática regular do voluntariado. Não interessa a causa, existem várias e todas elas válidas, interessa a dedicação e a lição aprendida com cada acção. Decidimos, pois, começar o ano com algumas ideias para acções de voluntariado que poderá já começar a pôr em prática!

SOPA SOLIDÁRIA - É uma iniciativa da Plataforma Makobo que distribui sopas nas ruas de Maputo e alguns centros de acolhi-



mento. Pode fazer a sopa em família, ou organizar vários pais e filhos para participar nesta actividade que tem tanto de divertido como de consciencialização sobre a dura realidade na vida de muitos dos habitantes de Maputo.

QUANDO: todos os dias das 14h00 às 20h30. (preparação às 14h00 nas instalações da Makobo; distribuição I no Centro de Apoio à Velhice de Lhanguene às 16h30 e distribuição II na rua das 18h00 às 20h30)

CONTACTO: info@makobo.co.mz / 84130 5390

ACADEMIA DE AGROECOLOGIA/ESCOLINHA SOLIDÁRIA

- Outro projecto da Makobo, localizado no Bairro dos Pescadores, visa aumentar o grau de literacia de crianças dos 6 aos 16 anos. A Academia de Agroecologia é um “Braço” da Escolinha Solidária, onde os crianças aprendem a cultivar alimentos de forma ecológica. Pode preparar uma actividade para as crianças (falar sobre a sua profissão, por exemplo) ou ir ajudar a cultivar a horta solidária. Quer com uma actividade ou outra garantimos: quem mais irá aprender é você e a sua criança.

QUANDO: terças e quintas das 9h às 11h e das 14h às 16h

CONTACTO: info@makobo.co.mz / 84130 5390

MAPS - A Sociedade Protectora dos Animais de Moçambique funciona no campus da Faculdade de Veterinária. Existem centenas de cães e gatos acolhidos pela MAPS que aguardam uma nova casa mas, enquanto isso, merecem receber todo o amor que lhes queira dar. Poderá ir passear os cães, brincar com eles, ou até quem sabe adoptar um destes amigos de quatro patas!

QUANDO: sábados das 9h às 13h

CONTACTO: 84 343 5450

SANTUÁRIO PET LOVE - Como o nome indica, é um santuário para animais abandonados. É uma iniciativa privada e muitos esforços são feitos para continuar a salvar, recuperar e arranjar novas casas para estes bichinhos. Pode ir fazer uma visita guiada e interagir com os “residentes” do santuário.

QUANDO: sábados das 13h às 17h (é necessária marcação prévia e é sugerida uma doação espontânea).

CONTACTO: petlove.mz@gmail.com / 84211 0 211

Para além destas iniciativas, existem também vários projectos de promoção do ambiente que oferecem oportunidades de fazer voluntariado e contribuir para a limpeza da nossa cidade e a sensibilização dos seus habitantes. Fique atento às acções da Cooperativa de Educação Ambiental e do Let's Do It Moçambique (no Facebook) para mais informações.

É preciso lembrar que todos estes projectos e iniciativas se debatem com a sua sustentabilidade, por isso pode e deve apoiá-las na medida das suas capacidades. O mais importante é manter um coração solidário... durante todo o ano! Um excelente 2019 para todos!

Nyelete

Rogério Manjate



Nyelete passava a vida a fazer perguntas, mas muitas perguntas. Toda a gente já estava farta de responder às suas perguntas. O pai decidiu que ela só podia fazer-lhe três perguntas por dia.

Um dia, Nyelete estava à mesa a matabichar com o pai, em silêncio, a olhar a paisagem pela janela, porque já tinha feito as três perguntas do dia.

– Papá, desconsigo compreender uma coisa – disse a menina. – Porquê que...

– Já fizeste as três do dia.

– É só mais uma, papá!

– É mesmo?

– Juro! – Entrelaçou os dedinhos e beijou-os. – Porquê que o céu é azul?

– Primeiro acaba o matabicho, vá.

Nyelete num instante limpou o prato e bebeu o chá.

– É porquê, papá?

– O céu só é azul por causa das poeiras suspensas na atmosfera...

– Atmosfera?

– Já estás a fazer mais perguntas... olha para o céu. Atmosfera é esse imenso vazio que vês antes do azul do céu.

– Ahã! E porquê...? – Ela suspendeu a frase ao ver a testa franzida do pai. E ali continuou:

– As poeiras suspensas no

ar reflectem os raios solares, e esse reflexo chega aos nossos olhos, na cor azul. E o mar só é azul porque reflecte o céu azul.

– Ahãaa! – exclamou surpreendida a menina.

E de seguida permaneceu calada, ou por outra, calou uma pergunta na garganta. Promessa é promessa. Porém, quanto mais se calava, mais perguntas novas germinavam na sua cabecinha.

– Eu também quero ser azul!

Pensou Nyelete e ficou maravilhada com a ideia.

Ficou muito tempo a pensar, a pensar, até que veio-lhe uma ideia brilhante:

– Vou passar a estar em sítios cheios de poeira e depois andar ao sol. Com o reflexo eu vou tornar-me azul, azul celeste!

Passados dois dias foi se ver ao espelho, mas não ficava azul. E continuou por mais uns dias, e nada.

Quando o seu pai descobriu já era tarde. Qual cama-leão! Nyelete apanhou foi uma boa constipação e tosse.

– Mas o quê que te deu? – perguntou o pai indignado.

– Papá é que me contou que o céu ficava azul por causa das poeiras. Então eu...

– Oh, mas como tu és tola. Por que foste fazer uma coisa dessas?

– Eu quis te perguntar, mas...

Noutro dia, Nyelete encontrou o pai na cozinha a preparar o jantar, a chorar.

– O quê isso, papá? Homem que é homem não chora, pá! – disse Nyelete ao pai, fazendo uma voz grossa a imitá-lo, porque ele dizia isso ao Paulinho quando chorasse.

– Eu, chorar? – o pai começou a limpar as lágrimas rapidamente para disfarçar. Mas ainda tinha cebola nas mãos e as lágrimas pareciam cair de uma torneira.

– Tu não és homem! – zombou Nyelete.

– É da cebola, filha. Isto faz chorar qualquer um.

As lágrimas continuavam a rolar. Nyelete rebojava no chão, agarrando a barriga dorida de tanto rir. E começou a lacrimejar também.

– Tu também estás a chorar. Então os dois não somos homens.

– Claro, eu sou mulher... e eu estou a chorar de tanto rir.

– E eu por causa da cebola – ripostou o pai

– O pai do Didi diz que cozinhar é coisa para mulheres, então não és homem mesmo.

O pai calou-se como quem aceita a derrota. Então largou tudo e sentou-se à mesa a ler o jornal.

– Cozinha tu que és mulher.

Nyelete mal sabia fritar um ovo. Tentou de tudo para babar o pai a voltar atrás. Encheu-lhe de beijinhos e ofereceu-se para cortar a cebola e os tomates e descascar o alho.

Então, ambos, pai e filha, começaram a cozinhar.

– Como vês Nyelete, cozinhar é coisa para todos, homens e mulheres.

– Chorar também! – ela disse baixinho, para dentro da geleira, mas o pai ouviu e abanou a cabeça.

– Papá, nós choramos porque temos um rio atrás dos olhos?

– O quê? Um rio? – riu-se o pai e acrescentou em tom de brincadeira. – Se tivermos algum, deve ser um rio pequenino, por isso, às vezes choramos quando estamos tristes. Mas eu não estava triste, era da cebola.

– E então temos peixinhos lá dentro dos olhos.

– Peixinhos? – Nyelete anuiu com a cabeça. – Não, não... não tem peixinhos o rio dos olhos

– Sem peixinhos então isso não é rio. É piscina.

O Pai explodiu de riso. Nyelete ficou perplexa.

– Não, não tem peixinhos, Nyelete...

– Então, papá, é por isso que temos tristezas, porque o rio dos nossos olhos não tem peixinhos...

– O quê?

– Os peixinhos são alegres, nunca os viste no aquário.

O pai olhou para Nyelete, admiradíssimo.

– Tens razão minha filha – disse, anuindo com a cabeça. – Mas, como...?

– Chega de perguntas, papá... – disse Nyelete, rindo-se do pai. – Olha que a panela está a queimar.

Ambos sorriram. Entreolharam-se. E os peixinhos coloridos dentro dos seus olhos deram um rodopio alegre. Ficaram calados, o pai a mexer a panela e Nyelete a escolher o arroz.

– Por que é que?... – Disseram os dois ao mesmo tempo e ficaram a rir-se da coincidência. E outra vez em simultâneo:

– Chega de perguntas, pá!



ILUSTRAÇÃO: ALÍCIA (PRÉ G)

MOMENTOS EPM-CELP





ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE
CENTRO DE ENSINO E LÍNGUA PORTUGUESA